

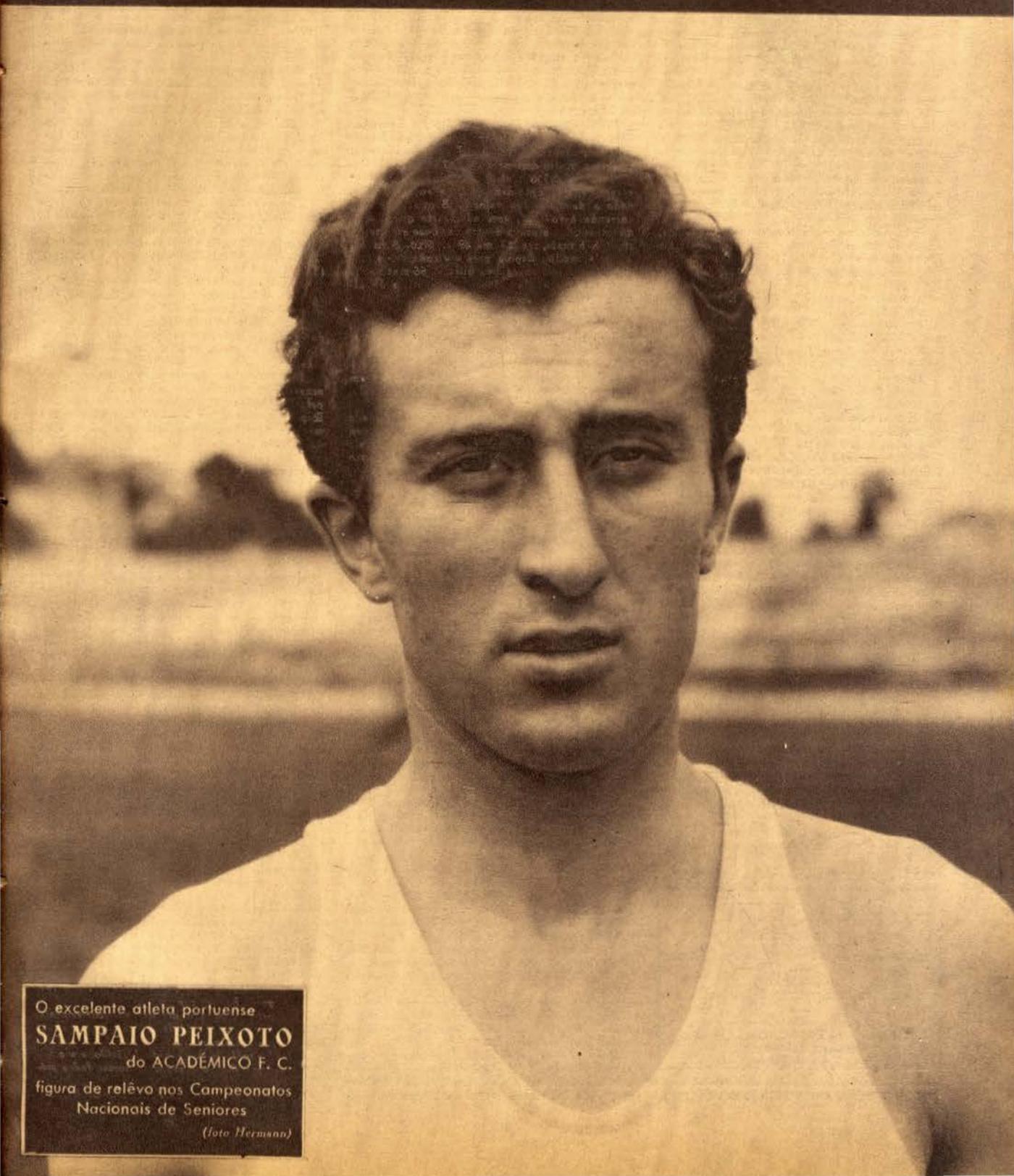
# Stadium

N.º 91 ★ 30 DE AGOSTO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50

VER NESTE NUMERO

a reportagem gráfica  
e respectiva tricromia do

VITORIA DE GUIMARAES



O excelente atleta portuense

**SAMPAIO PEIXOTO**

do ACADÉMICO F. C.

figura de relêvo nos Campeonatos  
Nacionais de Seniores

(foto Hermann)

# Mário Simas, Baptista Pereira, Silva Marques e o dr. Manuel Martins, em evidência nos campeonatos nacionais

**D**EPOIS de oito anos de intervalo, Lisboa assistiu, de novo, às provas máximas de natação, disputadas no sábado e domingo últimos, no Estádio náutico do Sport Algés e Dafundo e que não tiveram aquele brilhantismo que seria para descajar, porque o público — mormente na primeira jornada — foi muito reduzido, porque as figuras de primeiro plano, por causas diversas, não correram com a intenção de conseguir bons resultados e ainda porque foi diminuto o número de concorrentes.

Os «tempos» dos campeões de 1944 são fracos, todos eles muito aquém dos respectivos «récords». Numa visão de conjunto, há a pôr em relevo as proezas de Mário Simas — três títulos individuais — de Baptista Pereira — dois títulos — de Silva Marques, que de novo veio à superfície, e o primeiro grande feito do dr. Manuel Martins. Uma referência à turma estorilense dos 4x200 metros-livres.

Para Coimbra foram dois títulos nacionais, ambos de provas femininas — 100 metros-costas e 200 metros-bruços.

São campeões nacionais, para 1944, os seguintes nadadores:

200 metros-livres, Mário Simas, Estoril-Prasil, 1 m. 8 s. 3/10.

400 metros-livres, Mário Simas, Estoril-Prasil, 2 m. 35 s. 6/10.

400 metros-livres, Joaquim Baptista Pereira, Alhandra S. C., 5 m. 34 s. 5/10.

1.500 metros-livres, Joaquim Baptista Pereira, Alhandra S. C., 25 m. 49 s. 5/10.

100 metros-costas, Mário Simas, Estoril-Prasil, 1 m. 14 s. 3/10.

200 metros-bruços, João da Silva Marques, G. D. da Caf, 3 m. 7 s. 1/10.

4x200 metros-livres, Equipa do Grupo Desportivo Estoril-Prasil, 10 m. 56 s. 4/10.

Saltos — Dr. Manuel Martins, Sport Algés e Dafundo, 171,5 pontos.

100 metros-costas, senhoras, Maria Isabel Jesus Costa, Sport Conimbricense, 1 m. 46 s. 2/10.

200 metros-bruços, senhoras — Ilda Mesquita Raposo, União de Coimbra, 3 m. 53 s. 3/10.

Nos 100 metros-livres, Mário Simas correu apenas para ganhar, terminando em 1 m. 8 s. e 3/10. Luiz Lopes da Conceição, Santa Clara, 1 m. 9 s., pleno de energia, obteve um belo e honroso segundo lugar, num tempo que de bom se pode classificar, atendendo inclusivamente às condições de treino existentes esta época em Coimbra. Trovão e Fernando de Sousa travaram boa luta, alcançando respectivamente 1 m. 10 s. e 4/10 e 1 m. 10 s. e 5/10.

Passando aos 100 metros em 1 m. 10 s. 5/10, Mário Simas triunfou nos 200 metros-livres, fazendo prova à parte. Atraz dele, porém, três nadadores travaram boa luta entre si: Mira Gomes, que embora longe da sua melhor «forma» foi o segundo, com 2 m. 41 s., triunfando bem de Oscar Cabral (2 m. 43 s. 5/10), que por sua vez ganhou apenas por 5/10 ao conimbricense Luiz Lopes da Conceição (2 m. 44 s.) que fez prova bastante meritória.

António Carvalho, Mário Santana Alves e Alberto Mesquita completaram o grupo dos con-

correntes, mas muito afastados dos primeiros quatro.

A partida para os 400 metros, Baptista Pereira foi logo o primeiro a contactar com a água e, conduzindo sempre a prova, terminou nítido vencedor em 5 m. 34 s. 5/10, depois de haver obtido os seguintes tempos intermédios: 100 metros — 1 m. 13 s. 2/10; 200 metros — 2 m. 33 s. 2/10; 300 metros — 4 m. 6 s. 3/10. Mira Gomes — baixando de «forma» consideravelmente em relação aos regionais — não foi além de 5 m. 58 s. 2/10.

Belmiro Santos (6 m. 5 s. 8/10) e Francisco Salgado (6 m. 13 s.) dentro da crevelha habitual. O representante de Coimbra, José Júlio Moreira, terminou muito distanciado em 7 m. 3 s.

Para os 1.500 metros partiram quatro concorrentes, que cedo definiram as suas posições, dado o desnível dos valores. Baptista Pereira, correndo à vontade, sem adversário que o apouquentasse, fez a prova dentro das suas características habituais, em 23 m. 49 s. 5/10. Sufu em «crawl», mudou depois para o «strudgeon» e atacou com grande energia os últimos 66 metros em crawl, tendo ainda saído neste «estilo» de algumas «viragens».

Alguns tempos intermédios: 100 metros — 1 m. 21 s.; 200 metros — 2 m. 53 s.; 400 metros — 6 m. 1 s.; 800 metros — 13 m. 20 s.

Belmiro Santos (24 m. 42 s. 7/10) e José da Silva (26 m. 20 s.), respectivamente segundo e terceiro classificados, fizeram o percurso todo em «crawl», tal como o fez José Júlio de Almeida, campeão junior de Coimbra.

Mário Simas, na prova da sua especialidade — os 100 metros-costas — mesmo longe do seu melhor, dominou largamente os adversários. Luiz Lopes da Conceição obteve, e muito bem, outro

honroso segundo lugar, correndo, quanto à «estilo», a sua melhor prova, em 1 m. 23 s. 5/10, e terminando bastante distanciado dos restantes quatro competidores, todos eles creditados em «tempos» fracos.

Os 200 metros-bruços proporcionaram a João da Silva Marques uma vitória a todos os títulos notável — a 13.<sup>a</sup> da série.

O antigo campeão, que em breve complete quarenta anos, bateu-se, realmente, como se um campeão pode e sabe fazê-lo. Conduziu toda a prova e, depois de passar aos 100 metros em 1 m. 25 s. 1/10, terminou em 3 m. 7 s. 1/10.

O crítico, no entanto, se quiser ser escrupuloso, não deve curar só pelo que dentro de água se passa. E há que considerar que Júlio Mendes da Silva — segundo classificado, em 3 m. 7 s. 3/10 — se encontra ainda em más condições físicas, não lhe sendo possível treinar com intensidade.

Uma referência especial para o terceiro classificado, Luiz Franco, do União, com 3 m. 16 s. 8/10.

Na estafeta olímpica de 4x200 metros-livres, voltou a verificar-se bom duelo entre o Estoril e o Algés, acabando por triunfar a turma de Costa do Sol, tal como havíamos prognosticado. O terceiro estafeta do Algés, Bessone Junior, além de recuperar o strazo que a equipa levava, ainda conseguiu tocar primeiro do que Fernando do Carmo. Simas, porém, resolveu a «questão»...

Tempos: Estoril, 10 m. 56 s. 4/10, com José Silva (2 m. 34 s.), Mira Gomes (2 m. 27 s.), F. Carmo (2 m. 53 s.) e Rimas (2 m. 33 s. 4/10). Algés, 11 m. 1 s. 6/10, com R. Ramos (2 m. 50 s.), Trovão (2 m. 48 s.), Bessone (2 m. 41 s.) e Oscar (2 m. 42 s. 6/10).

Digno de realce especial o novo «récord» alcançado pela equipa junior do Estoril-Prasil, no «tempo» de 11 m. 52 s. 9/10.

Dos saltadores, o dr. Manuel Martins, em dia de feliz inspiração, viu compensada a sua persistência de há anos, com a conquista do título máximo.

Das senhoras — apenas duas gentis conimbricenses — só nos referimos às provas homologadas pela Federação: os 200 metros-bruços, que Ilda Raposo percorreu em 3 m. 53 s. 3/10, e os 100 metros-costas que, Maria Isabel ganhou em 1 m. 46 s. 2/10.

ABREU TORRES

## UMA VEZ POR OUTRA...

# A "BARBARIDADE" DO DESPORTO...

*Na minha rua — quando eu era menino e moço — passava todos os dias, a horas certas, um senhor de meia idade, grave, concentrado e frio. De grande estatura, sem beleza, andava um pouco atrasado sobre a moda na indumentária. Via-o, rigorosamente, todas as manhãs e pela tardinha, da janela do meu prédio — figura simbólica de funcionário pontual. E, na verdade, era chefe de repartição, manga de alpaca, sem máscara.*

*O que mais realçava aquela figura de relativo sprumo, era, em qualquer estação do ano, um impecável colarinho de goma, lustroso, assente na camisa de pettilho alvo e lisura rígida, como o seu horário.*

*Um dia, a rapaziada do meu «sitio» organizou um dos inúmeros «desafios» com bola de trapos. A furia dos jogadores crescia com o decorrer do jogo e, em dado momento, um remate intencional estilhaçou uma das vidraças da residência do funcionário. Cácos de vidro espalharam-se pela rua. E logo numa abalada veloz os «tebeolistas» puzeram-se em fuga nas diversas direcções. Por travessas e bicos todos queriam chegar a casa — como se o caminho da corrida iludisse a culpabilidade.*

*O nosso homem apressou à janela e, a meia voz, pronunciou enraive-lhas palavras que se perderam no vazio da rua. Ouvi-as por acaso. Depois ouvi um diálogo com o vizinho do lado.*

*As primeiras feazes diziam resentimento pelo prejuizo da vidraça. Vieram a seguir as considerações filosóficas acerca das tendências do rapazio da época:*

*— No meu tempo de «grito», protestou o senhor rígido, não se via isto! As inclinações para o inútil... Esta vitalidade excessiva revela um estado mental e civico ignóbil!...*

*Por fim, engrossando a voz, sintetizou num conceito a sua doutrina: «O desporto em si mesmo não representa utilidade de maior para a boa formação do individuo; é uma das forças malélicas*

*produtoras da indisciplina mental das gerações modernas!» E ao pronunciar estas palavras, o senhor tomou o ar de «grande campeão». Guardei na memória o episódio. Passaram-se anos, muitos. Eu fiz-me homem e aquele senhor fez-se velho, mas às horas de sempre saía e voltava para a repartição.*

*Certo dia, encontrei o nosso anti-desportista sentado num banco do jardim. Falou-me nesse tom familiar próprio das pessoas conhecidas de há muito. Trocámos frases banais até que o senhor rígido falou de si.*

*Principiou por elogiar a sua actividade profissional. Revelou-me os mil e um metodos da sua vida pautada. Tive a impressão de que falava... não com um ser vivo, mas com um relógio de corda para muitos anos...*

*Realçou a sua pontualidade absoluta, a applicação ao trabalho. Para melhor salientar o seu apêgo à preocupação de metodizar o esforço, acrescentou: «O caminho da repartição para casa faço-o a pé. Sei quantos passos darei para transpor a entrada do jardim e descer do cimo da rua à porta da minha casa. Se por distração deminho a cadência da passada, compenso os momentos perdidos com pequenos saltos. Na repartição, quando me sinto entorpecido pelo trabalho, passeio pela sala e ergo à altura dos ombros a cadeira pesada em que me sento.*

*Recordei a sua indignação de há anos e perguntei-lhe, calma e sinceramente, se gostava de desporto. Respondeu-lo, mecanicamente, dentro do horário:*

*«O desporto, meu caro, é uma das muitas barbaridades que o homem inventou».*

*Ja continuava quando me despedi cortezmente, pensando que, na realidade, se não devem contar as pessoas idosas.*

*Afinal, aquele velho, pontual, rígido, era o inimigo teórico das suas próprias necessidades práticas...*

ALFREDO CARLOS

ANO XII — Lisboa, 30 de Agosto da 1944 — II SÉRIE - N.º 91

## STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, L.D.A.

Redacção e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º

Telefone 5 1146 — LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LTD. — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## A inauguração do Curso de Treinadores de Atletismo

**F**STÁ funcionando desde segunda-feira da semana passada o Curso de Treinadores de Atletismo, que a Direcção Geral de Desportos promoveu em colaboração com a Federação Portuguesa de Atletismo, e cuja regência confiou ao nosso camarada dr. Salazar Carreira, que, assim vê uma vez mais justamente reconhecidos os seus merecimentos como o mais sabedor dos técnicos portugueses da modalidade.

Temo-nos empenhado em contribuir ao máximo, dentro dos recursos da nossa revista, para a propagação do atletismo e para a divulgação dos seus aspectos técnicos; por isso acolhemos com o maior júbilo a realização desta iniciativa, sinal evidente do interesse dos altos organismos e de uma reforma orientadora, sobre cujos resultados definitivos ninguém pode sustentar dúvidas. Mais rejubilamos ainda por encontrar um companheiro de trabalho muito estimado à frente de tão importante empreendimento, certos de que o levará, com o seu muito saber e comunicativo entusiasmo, ao melhor rendimento.

Mundaram os tempos, felizmente. Já não basta tecer a si próprio encomiásticos elogios para conseguir ascensão consagrada, entregando-se os postos de responsabilidade a quem demonstrou poder desmerecer-se pelo testemunho das obras — e não das palavras.

O curso agora criado para preparar treinadores de atletismo é frequentado por 24 candidatos, que tantos foram os que satisfizeram as provas de aptidão, de entre os 31 que se inscreveram. As lições ocorrem um período de quatro meses, com duas sessões práticas semanais, seis horas de aula teórica e duas de ginástica, cuja instrução fica especialmente a cargo do professor Fernando Ferreira, escolhido pelo director do curso para seu auxiliar.

O programa de ensino do curso compreende, além do estudo pormenorizado da técnica e preparação das várias especialidades atléticas, noções elementares de anatomia, fisiologia, higiene, biomecânica, tratamento de urgência e conhecimento dos acidentes de desporto e aprendizagem prática da massagem e das exercícios ginásticos de preparação atlética.

O curso trabalha numa das salas e no ginás-

## Nos campeonatos da Costa da Caparica

salientou-se RUI PEREIRA, do C. I. F.

**F**ALA-SE hoje dos campeonatos da Costa da Caparica — um torneio organizado anualmente pela Liga dos Amigos da Costa da Caparica e que na edição de 1944, pelo êxito que obteve, deu um passo decisivo para a conquista da tradição que pretende.

Com efeito, estes Campeonatos, promovidos desde há uma meia dúzia de anos, nem sempre correspondem aos desejos da L. A. C. C., de tal modo que, se não estamos em êrro, foi em 1943 que houve necessidade de substituir a competição por outra prova, só para que a temporada não ficasse em branco...

Destá vez não. Os organizadores tiveram a felicidade de encontrar um Jaime Cunha Rosa que se prontificou a dirigir o torneio e se houve a contento. E melhor teriam sido os campeonatos se o mau tempo não tivesse imposto uma interrupção, de que veio a ressentir-se, sobretudo, a prova de

«pares homens». É neste género de provas que mais difícil se torna conseguir regularidade e no torneio da Costa da Caparica os muitos «vovos» que se vêm no mapa excedem o que seria de esperar e constituem a única nota a afusar o brilho humano dos campeonatos. Pois se até só houve uma meia final...

O elevado número de concorrentes, o entusiasmo da assistência e a presença de muitos «novos» dão, porém, um balanço favorável.

Os campeonatos da Costa da Caparica não tiveram na prova principal — a de «singulares-homens» — a inscrição de um único jogador de primeira categoria. Não é de estranhar, porque entre nós os tenistas, quando alcançam essa posição, julgam-se, na quasi totalidade, como que aposentados. Retiram-se... e raramente voltam a ser vistos. Mas adiante.

Foi, talvez, esta circunstância que permitiu que Rui da Costa Pereira, do Internacional (Cif), um dos melhores valores da segunda categoria, pudesse evidenciar-se, inscrevendo o seu nome na lista dos vencedores das duas provas masculinas. O facto constitui merecida recompensa para a dedicação e desportivismo de Rui Pereira.

Vejam, agora, as notas salientes, num relance sobre o mapa de «singulares». Na primeira eliminatória, verifica-se que Júlio Bastos, Seabra Pinto, Marquês de Mendia, Domingos Constâncio e José A. Gonçalves se desembracaram, com relativa facilidade, respectivamente de J. N. Santos, F. Cabral, A. Braga, M. N. Santos e J. A. Piano Martins. Não houve, portanto, surpresas, como natural foi o equilíbrio entre P. Vasconcelos e J. Maia, num encontro que o primeiro ganhou.

Na «ronda» seguinte, com cinco encontros, três tomaram-se «coisa falada», ainda que a lógica não tivesse sofrido maus tratos: Júlio Bastos, vencendo Maurice Thibaud, nada acrescentou aos seus méritos; Melo e Silva, batendo Seabra Pinto, ao fim de 3.º «set», mas com um empate no número de jogos disputados, não cometeu proeza alguma; Gama Lobo, derrotando o Marquês de Mendia, contrariou alguns dos prognósticos só porque ultimamente se acentuou o seu declínio; José A. Gonçalves e F. Heibrant venceram, naturalissimamente, Pedro de Vasconcelos e M. Botton, ainda que o conhecido atleta tenha dado excelente réplica.

Atingiu-se então os quartos de final. J. Bastos não teve adversário, que seria Orton; Melo e Silva forneceram a grande surpresa ao eliminar Gama Lobo, avolumando a impressão de que a vitória d'este sobre M. Mendia não fôra muito natural; J. A. Gonçalves voltou a ter tarefa difícil para derrotar D. Constâncio, parecendo que isso o satisfizesse, pois não voltou a ver-se; e Rui Pereira estreou-se contra F. Heibrant, sendo o vencedor desta «ronda» que menos trabalho teve.

Teve grande interesse a meia final Júlio Bastos (2.º cat.) — Melo e Silva (camp. de 3.º cat.). Não foi sem dificuldade que o primeiro manteve os seus créditos, que se fizeram valer ainda na final, sem, todavia, bastarem para a conquista da taça «Câmara Municipal de Almada».

Da provas de pares-homens é penoso falar. E o leitor compreende por quê se lhe dissermos que, estando inscritos doze pares, doze formações, se atingiu a final só com cinco encontros efectuados.

Só merecem citação três pares; Rui Pereira-J. N. Santos, Gama Lobo-Mendia e Júlio Bastos-J. Leitão, cujo comportamento poderia ordenar-se como o fizemos.

Em «pares-mistos» não apareceu qualquer novidade. E só nos causa impressão que Dulce Meunier-J. A. Gonçalves, vencendo justa e brilhantemente os campeonatos de Lisboa de 3.º e 2.º categorias, tenham agora registado terceira derrota consecutiva, sobretudo depois de terem eliminado Peggy Brises-J. Leitão... para na final serem batidos por Jacqueline Fardesse-Melo e Silva.

do do Ateneu Comercial de Lisboa e na pista do Sporting Clube de Portugal, tudo gentilmente colocado para êsse fim à disposição da Direcção Geral de Desportos.

A sessão inaugural celebrou-se, com grande solenidade, no salão nobre do Ateneu e a ela presidiu o sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, secretariado pelos srs. capitão Meis de Loureiro, presidente da F. P. A., e Vasco Ribeiro, presidente da direcção do Ateneu, assistindo todos os dirigentes federativos, o presidente da Associação de Lisboa, directivos clubistas, representantes da Imprensa e inúmeros desportistas da modalidade.

O capitão Meis de Loureiro e, ao encerrar a sessão, o sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, afirmaram a sua confiança no êxito prático da iniciativa e renderam homenagem ao alto saber e à dedicação do dr. Salazar Carreira, que pronunciou a sua preleção de abertura rica de conceitos, na qual expôs, com a costumada eloquência, as causas e objectivos do curso e o significado educativo da melindrosa função dos futuros treinadores.

## AS BODAS DE PRATA DE FERNANDO SACADURA

e a homenagem de domingo próximo

**D**ATA de 1920 a participação de Fernando Sacadura em provas oficiais de natação. Em 1926, o seu nome aparece-nos pela primeira vez em grande plano, como componente de uma equipa que, no Seixal, triunfou nos 5x2.500 metros e da qual faziam parte Vieira Alves e Mário Brandão.

De então para cá, progredindo sempre de ano para ano, Fernando Sacadura tornou-se não só dos nossos melhores nadadores mas, indiscutivelmente, o nosso nadador mais completo, o nosso melhor malabarista no jogo de «water-polo».

Em duas linhas de homenagem não cabe, de forma alguma, uma biografia completa. Teremos de nos contentar, pois, com a citação de alguns triunfos mais completos. Foi o vencedor da pequena travessia de Lisboa (júniores), campeão regional de 100 metros-costas, de 4x200 metros livres e de «water-polo» em 1927 — que ficaram constituindo as primeiras grandes vitórias de Fernando Sacadura.

E porque já decorreram muitos anos, achamos interessante lembrar as vitórias mais antigas: a da pequena travessia de Lisboa em 1929, os títulos de campeão regional de 100 metros-costas, 200 metros-brucos e 4x200 metros livres, alcançados nesse mesmo ano, e os títulos de campeão regional e nacional de «water-polo» em 1930.

Fernando Sacadura, cujas bodas de prata como nadador se comemoram no próximo domingo, participou depois, sempre em representação do Sport Algés e Dafundo, em provas de todos os «estilos» e de todas as distâncias, afirmando-se, realmente, como caso único na natação portuguesa.

No respeitante a «estilo» é, em qualquer deles, dos nadadores mais correctos. Brilhando em qual-

quer distância — das estafetas de velocidade às travessias do Tejo — Fernando Sacadura surge-nos pela última vez, como «recordman», em 1934, quando, juntamente com Manuel Cardoso, Alberto Azinhais e Armando Moitinho, contribuiu para que se melhorasse o máximo nacional da estafeta 4x200 metros.

Algumas das suas provas não esquecem facilmente. Os duelos travados com Silva Marques nos 100 metros costas e a vitória alcançada em 1936, em Algés, nos 200 metros brucos, contra os espanhóis do Canoe de Madrid, ficam para sempre como feitos inesquecíveis na sua carreira de campeão.

Acompanhando o Algés nas idas a Espanha, ou alinhando no «sete» do seu clube quando da visita de equipas estrangeiras, Sacadura mostrou-se sempre, além de jogador de rara virtuosidade, desportista de fina tempera.

E no momento em que festeja as bodas de prata como nadador, Sacadura está ainda na plena posse das suas faculdades, como há pouco o provou no festival da F.P.N.

Caso único, portanto, ao seu: vinte e cinco anos de praticante, na mesma modalidade e no mesmo clube.

Justa, pois, a todos os títulos, a homenagem que o S. A. D. lhe presta no próximo domingo. Festa de consagração e de apoteose.

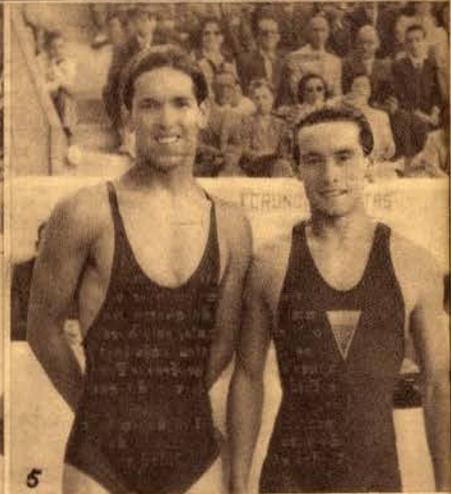
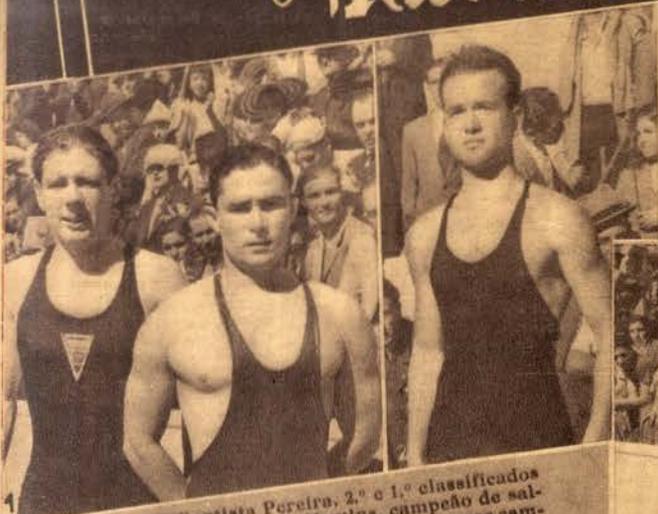
No peito de Fernando Sacadura, já constelado de medalhas, ganhas no transcurso glorioso de um quarto de século, vai ser colocada mais uma: a medalha de ouro, símbolo da gratidão do Sport Algés e Dafundo.

O atleta vive o seu momento de consagração. Saudemo-lo!

ABREU TÔRRES

DRIVE

# Campeonatos Nacionais de natação



1—Mira Gomes e Baptista Pereira, 2.º e 1.º classificados nos 400 metros; 2—dr. Manuel Martins, campeão de saltos; 3—Ilda Raposo e Isabel Costa, duas valorosas campeãs conimbricenses; 4—Lucilla Angeja e Maria T. Marques, 1.ª e 2.ª classificadas nos 50 metros brucos para iniciadas; 5—Lopes da Conceição e Mário Simas, que travaram boa luta nos 100 metros livres, ganhos pelo segundo; 6—A valorosa equipa de Coimbra; 7—Fase do duelo travado entre Silva Marques e Julio M. da Silva, nos 200 metros brucos, cujo titulo de campeão o primeiro reconquistou brilhantemente. (fotos C. Madeira)



**A HOMENAGEM DO ATLETICO AOS SEUS CAMPEÕES DE BASKET** constituiu uma simpática e expressiva festa e decorreu com o maior entusiasmo. A fotografia foca um aspecto do almoço, a que presidiu o sr. Jaime Franco

**A INAUGURAÇÃO DO CURSO DE TREINADORES DE ATLETISMO** a que fazemos referência noutro lugar, foi presidida pelo sr. tenente-coronel Sacramento Montelo, ilustre Director dos Desportos. A fotografia mostra o dr. Salazar Carreira na sua oração





O aluno  
Carlos  
Alves

O CURSO  
de  
Aperfeiçoamento  
de  
Treinadores  
de Futebol  
visto por  
MANUEL  
ALEXANDRE  
que o  
frequentou



Victor Silva «estuda», sob as vistas de Manuel Alexandre e de outros «condiscipulos»

Os jornais referiram-se à grande importância do curso de aperfeiçoamento de treinadores de futebol, organizado pela Federação respectiva, sob o patrocínio da Direcção Geral dos Desportos, e cujos ensinamentos foram ministrados por técnicos de reconhecida competência. Falta, porém, trazer e público a opinião dos instrutores, através da qual se conhecera o que foi, e o que representou no espírito dos treinadores, o trabalho desenvolvido durante o curso.

Stadium convidou o conhecido desportista Manuel Alexandre, amigo e também bom camarada em lides jornalísticas, a confiar-lhe as impressões e os comentários surgidos pela folla iniciativa da F. P. F. Da maneira como «viveu» Manuel Alexandre os dezasseis dias de trabalhos têm a seguir os leitores curiosas notas e conceitos, redigidos expressamente para a nossa revista.

O jogador de «football» não é um estômato. É um elemento dividido, condicionado a regras gerais e que, necessariamente, tem de ser instruído com eficiência, para que a missão que lhe é imposta seja cumprida, não só com elevado moral, mas principalmente com conhecimento da causa em que actua. São dois princípios gerais de extraordinário valor, que só podem ter expressão desportiva dando que o treinador instrua os jogadores os clássicos elementos da técnica, quer teórica, quer prática. Ora o jogador não poderá revelar as suas qualidades, as suas aptidões no campo experimental, desde que o treinador não seja eficiente. E ele só poderá ser a projecção da verdade técnica, no campo desportivo, desde que o treinador saiba cumprir a sua missão. Não se demonstra, hoje, que a formação técnica dos bons jogadores depende, exclusivamente, da boa formação técnica dos seus treinadores.

#### O QUE FOI O CURSO

As palavras com que se abrem estas impressões vêm a propósito do Curso de Aperfeiçoamento de Treinadores de Futebol, que teve o seu encerramento em 3 do corrente e que constituiu a mais feliz iniciativa da F. P. F. — com o alto patrocínio da Direcção Geral dos Desportos.

Sabido é que o curso organizado pela Federação encontrou, na maioria das associações regionais e em grande parte dos actuaes treinadores, um entusiasmo digno de consideração. Vieram até à capital cerca de duas dezenas de homens que ao futebol dedicam grande parte da sua vida, exercendo ou propunham-se exercer as funções de treinadores, de orientadores técnicos de equipas das mais diversas realidades do país.

Por consequência, no decurso do aperfeiçoamento, cada vez maior, de tudo quanto possa servir ao bom treino dos jogadores e, logicamente, ao melhor aperfeiçoamento do futebol nacional, foi o curso frequentado por alguns nomes bem conhecidos do público, alguns dos chamados «reis da bola» e também da categoria internacional e olimpica.

Apontemos alguns, apenas, mas que mereceram, pela sua presença, o valor do 1.º curso de aperfeiçoamento. E-los:

Em representação da A. F. L., compareceram Augusto Silva, treinador do G. D. Estoril Praia; Vitor Silva, que presta os seus serviços no Operário; António Lopes, antigo treinador do Casa Pia e do «Belenense» e actualmente no G. D. de Arrolas; e Severiano Correia, que durante duas épocas foi o treinador da Associação Académica de Coimbra e presta actualmente os seus serviços no Atlético Clube de Portugal.

Vimos também o jogador Raúl Sobras, ainda em actividade, e a quem a Comissão Administrativa da Federação autorizou a frequência do curso.

A Associação de Futebol enviou o jogador internacional Armando Martins, que treina o Vitória, da mesma cidade.

Carlos Alves, antigo jogador internacional e olimpico, também esteve presente no curso, pela Associação de Teófilos-Monte, onde vai treinar este ano o Vila Real.

Não vale a pena mencionar mais nomes. Sómente é necessário dizer que as Associações regionais de Setúbal, Beja, Coimbra, Covilhã, Faro, Castelo Branco, Torres Vedras, Portogaleja e Aveiro, enviaram os seus componentes ao 1.º Curso, demonstrando assim plena concordância com a F. P. F.

Como indivíduos assistiram ainda Jorge Shore, José da Silva, Manuel Jacques, Mácio Silva, etc.

Cabe agora dizer o que foi o 1.º curso de aperfeiçoamento, ao qual prestaram o seu valioso concurso técnico de reconhecido valor, como sejam os Drs. Magalhães Guimarães e Tibério Antunes, capitão Ribeiro dos Reis, Ricardo Ornelas e ent. Pires Ventura.



Uma lição de Ribeiro dos Reis

As lições que durante dezasseis dias encheram o vasto pátio, versaram diversas matérias: anatomia, fisiologia, higiene, alimentação, lesões e primeiros socorros a prestar em caso de traumatismo; aplicação da massagem; ginástica; atletismo; teoria e técnica de jogo e suas leis, tática de jogo em campo, etc.

Não pretendiam os professores deste curso fazer dos seus alunos higienistas ou professores de técnica do futebol. No curto espaço de 16 dias não havia tempo suficiente para o estudo profundo de matérias tão vastas; existia somente o desejo de ministrar aos actuaes treinadores, e aqueles que vão iniciar a sua missão nos centros regionais, as principais noções de matérias varias, que melhor servirão aos homens que vão formar jogadores.

Foi no Instituto Nacional de Educação Física, no Centro da Medicina da Federação e ainda na própria sede da Federação, que se realizaram as aulas dos Drs. Magalhães Guimarães e Tibério Antunes. Deve dizer-se, porque é verdade, que todas elas foram altamente proveitosas, graças ao conhecimento de utilidade excepcional, pelo que despertaram não duas listas de frequentadores do curso. Basta dizer que os dois professores são duas figuras do prestigio no meio com agrado, portos trouxeram aos treinadores o conhecimento geral de uma vasta matéria, exposta com profundeza e clareza.

Como já dissemos, a parte de atletismo e preparação fisica esteve a cargo do engenheiro Pires Ventura. Torna-se necessário dizer ser este professor dos

(continua na pág. 14)

#### Os frequentadores do Curso



# VAMOS MOVIMENTAR O CICLISMO DE COMPETIÇÃO?

**H**AVENDO estudado a mecânica do ciclismo português e conhecendo a evolução da sua vida há duas dezenas de anos — e como tal estando ao facto das suas necessidades, escrevemos em 1943, antes de se fazer a remodelação dos estatutos básicos da modalidade:

«Nesta tarefa, bastante ingrata, de proceder à remodelação dos estatutos e regulamentos, todos quantos dela se ocuparem terão de considerar em primeiro plano os interesses da velocipédia. Antes de mais nada, deve cuidar-se da expansão da modalidade e do seu aperfeiçoamento técnico».

Em outros trabalhos, a demonstrar a necessidade que há-de se coordenarem esforços para que a modalidade progrida, dizíamos:

«É certo que cabe aos clubes a tarefa de coligar esforços, reunir elementos e criar espírito de unidade em todos aqueles que formam a pleiade dos «atletas do pedal». Deve-se às colectividades desportivas, em grande parte, sobretudo nos países onde não predomina ainda a ideia de que o desporto não é só fundamento de vitórias, a criação da indispensável rivalidade, fulcro geral do interesse das competições. Mas isto não obstante, não contradiz, a necessidade que existe de o ciclismo viver emparrado a sectores estanhos aos clubes».

E mais adiante, a justificar que o ciclismo precisa de ser ajudado, tornando-lhe a vida fácil, escrevíamos:

«Quanto a nós, deve facilitar-se ao máximo (respeitando, é claro, o estabelecido oficialmente) o agrupamento dos clubes, a criação das associações regionais, a organização de competições e a captação de ciclistas para a hostes velocipedicas, dentro de princípios novos e acessíveis, embora seja preciso remodelar muito do que está estabelecido para o efeito. É necessário criar também novas receitas, umas obrigatórias, outras obsequiosas, para acudir às necessidades do ciclismo. E, como complemento, há necessidade de estimular a vida da velocipédia regional, que é, de resto, o fulcro da expansão do ciclismo português, sabido que, nos grandes centros raro surgem atletas de valor».

Pois bem. Com frequência das ideias expostas e tentando concretizá-las em factos, promovemos na última quinta-feira, na nossa redacção, a primeira reunião com as entidades oficiais da velocipédia, às quais comunicámos não só os nossos propósitos de movimentar o ciclismo de competição, como dissemos também a forma como pretendemos conseguir esse propósito. Estiveram presentes na reunião, por parte da Federação Portuguesa de Ciclismo, os srs. Vitor Alves e Antero Ventura, respectivamente tesoureiro e secretário-geral daquela entidade, e os srs. Humberto Gomes e Serafim dos Santos, representantes da Associação de Ciclismo do Sul, da qual são, respectivamente, tesoureiro e membro do conselho técnico.

Nessa reunião pormenorizámos os males de que enferma a nossa velocipédia, tais como a falta de provas particulares; reduzido número de corredores; carencia de novos valores, quer na categoria de «ases» quer na de amadores; aumento do custo do material; recursos limitados por parte dos organismos oficiais, que não podem assim desenvolver maiores iniciativas; e falta de uma prova de projecção, fora do vulgar, como por exemplo a «Volta a Portugal».

Em relação a épocas transactas, existem, em contra-partida, vários factores úteis, como sejam: aumento considerável de entusiastas do velocipedismo; ambiente favorável e interesse pelo ciclismo em novos sectores do público; uma região, que não, é a de Lisboa, que possui um núcleo de corredores capazes de dar réplica aos «ases» da capital; e duas pistas nas quais podem disputar-se boas provas.

Os factores desfavoráveis são, à excepção do que se refere ao custo do material, consequências uns dos outros.

Assim, como não há gente nova com valor nesta ou naquela localidade, que fomenta o entusiasmo dos contemporâneos, estes não fazem provas; com estas não existem, os novos não se revelam; como não há revelações, os clubes pequenos não formam equipas; como estas são fracas, os mesmos clubes não promovem competições; e como as provas não aparecem, dirigentes e dirigidos abor-

recem-se, surgem desinteligenças — e acabam por puxar cada um para seu lado, sem a desejada coordenação de esforços.

Portanto, aproveitando os sintomas favoráveis — maior número de praticantes do ciclismo e o engodo pela bicicleta, há necessidade de: 1.º — aumentar o efectivo de corredores principiantes, promovendo provas simples, fáceis, curtas e repetidas, nas quais apareçam muitos vencedores, muitos segundos, muito terceiros classificados; 2.º — chamar de novo para o sector dos organizadores aqueles entusiastas que consideram uma prova ciclista como o melhor número do programa de festas, comemorações, feiras ou arraiais; 3.º — criar possibilidades de se efectuarem essas provas; 4.º — aumentar a bagagem técnica dos que começam, ministrando-lhes os ensinamentos necessários, desde a maneira de montar até à forma de se prepararem.

Vamos tentar, de colaboração com outras entidades e com o decidido patrocínio da Federação e Associação de Ciclismo, conseguir os objectivos acima descritos, da seguinte maneira:

a) — promover em Lisboa, e onde as circunstâncias o permitam, provas para ciclistas que nunca tivessem competido, fazendo-os correr amidiadas vezes; b) — instituir prémios para organizações particulares; c) — criar uma escola para corredores na qual, indistintamente, serão ministrados ensinamentos técnicos e práticos a todos os ciclistas. Aos inscritos nesta escola serão proporcionados, além dos referidos ensinamentos técnicos e práticos, estes em saídas de treino, descontos em artigos de bicicletas, concedidos por várias casas da especialidade.

Devemos sublinhar que a ideia teve o melhor acolhimento por parte dos dirigentes que nos deram a honra de ouvir o nosso programa de trabalhos.

A esta útil campanha nos vamos entregar com entusiasmo. E progressivamente informaremos os leitores de «Stadium» do que formos fazendo.

GIL MOREIRA

## FUTEBOL NO BELENENSES

O BeLENENSES abriu a inscrição para os sócios e simpatisantes que queiram dedicar-se à prática do futebol na próxima época. Os treinos efectuar-se-ão às segundas e quintas-feiras, às 18 horas.

# CICLISTAS PORTUGUESES EM ESPANHA

O SPORTING CLUB DE PORTUGAL conseguiu finalmente, por intermédio da sua secção de ciclismo, uma das suas mais justas aspirações: levar a Espanha num estúpido e exclusivo passeio por atletas do grande e lbe. Formam essa equipa, que partirá como noticiámos, para disputar, entre outras provas, a «Volta à Catalunha» e as «24 horas de Tortosa», os corredores João Lourenço, Francisco Inácio, Aristides Martins e Júlio Mourão.

Desportivamente, e sob o aspecto da propaganda, a ida do agrupamento «leonino» a terras da Espanha é iniciativa de louvar. Estamos certos de que constituirá bom êxito para a clube «verde branco». Como demonstração de perseverança da parte dos dirigentes, também a deslocação representa acto digno de assinalar-se: convidados outros elementos a correr em Barcelona e Tortosa, ninguém cuidou de dar sequência aos convites, uns por não podermos — o caso de Raposo e José Martins — outros por já serem que a ida não seria oportuna. Só o Sporting persistiu e visando mais a propaganda da colectividade do que propriamente a conquista de resultados surpreendentes, conseguiu inscrever a sua equipa nas duas citadas competições.

Poderão os ciclistas «leoninos» repetir o êxito obtido pelos corredores portugueses em 1942 e 1943? Eis uma pergunta que muita gente faz e para a qual a resposta não é fácil. Estamos já a ouvir alguns pessimistas que consideram os triunfos como resultado lógico das competições desportivas, a julgarem ser necessário que os rapazes vençam, porque de contrário ficará em perigo o prestígio nacional... Também não deve deixar de se dizer, isto pela parte que toca aos inconformados que julgam o mérito dos atletas pelo valor das colectividades que representam, que se não fizeram igual ou melhor que as equipas de 1941 e 1943 melhor seria não terem saído de Portugal... Flautante justiça!

Habitados a julgar os factos apenas em face de elementos de carácter técnico, afirmamos que tanto uma como outra opção é exagerada. Nem Lourenço, Inácio, Aristides e Mourão podem, técnica ou atleticamente, fazer em condições normais o que conseguiram o mesmo Lourenço, Lopes, Raposo e Martins nas duas últimas épocas, nem por esse motivo devia deixar de se fazer a deslocação. Há, portanto, que considerar as coisas dentro dos limites razoáveis e sensatos — e tirar delas consequências lógicas, despidas de exageros.

EM todos os países, há tendências para aproveitar como treinadores as grandes figuras nacionais de qualquer desporto. Mas não basta, para saber ensinar, ter sido um atleta excepcional. A defesa para o facto é representada pela existência de cursos apropriados, para cada desporto.

Assim se está procedendo entre nós, quanto a futebol e atletismo. Esperamos, por isso, que as duas iniciativas dêem o melhor resultado na prática.

ENTRE as diversas coisas que a Federação Espanhola de Futebol mantém, para a próxima época, figura o campeonato de amadores, o qual será disputado nos moldes habituais.

Quando voltará a haver a categoria de amadores, em Portugal? A existência de amadores, como classe, passe o termo, é, no entanto, uma garantia de defesa para a expansão de qualquer desporto.

OS campeonatos lisboenses de natção não conseguiram agradar a toda a gente. Registaram-se, entretanto, novos records, houve provas disputadas com grande animação e apareceu gente nova com boas qualidades.

O valor de um desporto e de uma prova traduz-se por diferentes modos no rendimento técnico do nadador, no entusiasmo pela disputa de um título ou de um prémio e no equilíbrio de forças entre os concorrentes. Sob este aspecto, não nos parece que tenham sido fracos os campeonatos deste ano.

Houve apenas menos gente a correr. Mas este ano foi de transição...

ENTRE os clubes e a Imprensa aparecem por vezes situações que não se percebem muito bem. Recentemente, e a propósito de determinado desporto, afirmou-se, em público, que alguns periódicos não fizeram a menor referência à representação de certo clube em duas provas. O facto resultou, porém, da «cixinha» mantida por esse clube, para que apenas um jornal soubesse do que se passava...

Noutro desporto, procede-se de idêntico modo. Quando se realizem provas suas, não se concedem facilidades a todos os jornais. Estranha-se depois que os prejudicados não falem dessas provas...

Há um pouco a propensão para fazer o mal — e a caramunha...

Devemos dizer francamente que consideramos difícil a as provas das quais participam os estradistas lusos, tornando bastante ingrata a tarefa dos corredores. Não se encontrando nenhum dos sportinguistas em forma excepcional — isto julga-se pelas últimas experiências na Coria no «Circuito de Aves», e não por umido o conjunto superioridade acentuada sobre os ar-pamentos espanhóis (que devido à rivalidade existente entre as diversas equipas fazem, por vezes, embora perdendo, com que determinados homens também não ganhem), é de verer que os lisboetas não repitam as vitórias individuais verificadas em algumas das tiradas da «Volta» de 1942. Só Lourenço, quanto a nós, poderá bater os seus adversários espanhóis, porque tem classe e possui o que se pode chamar «saber de deslocação internacional». Para isso terá a tarefa ingrata de cuidar mais de si próprio que dos seus companheiros.

Se não houver fugas isoladas, ou aquiles ataques em que os espanhóis não usarem, «queimando» três ou quatro homens em provelto de determinado corredor, em lutas tão violentas que terminam as tiradas «estodadas», portanto se a «Volta» for disputada em pelotão, embora com marcha rija, — não é de admirar que muitos dos favoritos tenham de se contentar nas chegadas tendo Lourenço por «ponto de mira», a admirar-lhe o número de inscrição... Mas se se atocar a andara, sobretudo nas caminhadas de Monblanch, Masera, Olot ou Tortosa, os portugueses só terão que defender-se.

E então, seja qual for a classificação dos «leões», só há que considerá-la, aparte possível ineficiência, como reflexo da superioridade atlética e técnica dos adversários.

Nunca exagerámos as possibilidades dos quatro simpatisantes sportinguistas e por isso nos sentimos à vontade ao pensar assim. Conhecemos de determinado corredor, em lutas tão fregos ou a troianos, que Lourenço tem sido e é ainda dos melhores produtos do nosso ciclismo; que Inácio, na sua melhor época, podia equiparar-se a tases da categoria de Cesar Luis, Marquez ou Filipe de Melo; e que Aristides ou Mourão são voluntários a ponto de surpreender por vezes os mais avisados. Todavia, tais predições não podem nem devem constituir a base de quatro corredores como que a obrigação de chegar, vir e vencer... Oxalá que se credesse assim, pois com isso só lucraria o ciclismo e o desporto nacional.

## O VITÓRIA SPORT CLUBE

Campeão da Província do Minho  
A sua obra no passado e no futuro

A fundação do Vitória de Guimarães tem sido referida oficialmente a 22 de Março de 1923, data em que se regularizou a sua existência. Teria, assim, 21 anos completos. A data real é, no entanto, uma coisa de certo modo nebulosa, que se pretende agora esclarecer em definitivo. Em 1919, ou 1920, organizou-se, em Guimarães, um grupo desportivo com a designação de Vitória e que fez vários desafios com clubes de fora. O grupo tinha sem dúvida constituição particular. Era um núcleo formado especialmente para a disputa de jogos. Mas, além do mesmo nome, usava uma equipa que era sensivelmente a mesma.

Esse grupo modesto desenvolveu-se a pouco e pouco e tomou, em 1923, carácter oficial, com a aprovação dos respectivos estatutos. Não houve quebra de sequência entre o núcleo de 1919 ou 1920, e o Vitória de 1923. É desta data que vem a entrada do clube em competições oficiais. Teve, para isso, de se filiar nas associações distritais de futebol e «basket». E logo nesse ano organizou equipas para representação oficial do clube nos dois desportos.

Data, no entanto, de 1933, a transformação do Vitória em equipa de primeiro plano, no distrito de Braga. Vem desse ano a inclusão de António Gonçalves (Laureta) a médio-centro da primeira categoria. O jogador portuense, que morreu há anos, fez escola dentro do Clube. Foi o primeiro «reforço». Alberto Augusto veio na temporada imediata, em 1934-1935. Jogou ainda no «onze» de honra, a defesa. O reforço de Alberto Augusto, jogador internacional de grandes recursos técnicos, valeu, principalmente, como treinador. Alberto Augusto jogou em 34-35, 35-36 e 36-37.

## UM RESUMO SUGESTIVO

O resumo do trabalho produzido nestes onze anos é dado pela seguinte lista:  
— Campeão distrital de futebol em 1933-34 e de 1936-37 para cá.  
— Campeão do Minho em 1939, 1940 e 1941.  
— Finalista da «Taça de Portugal» em 1941-42, contra o Belenenses, perdendo apenas por 0-2.  
— Representante do distrito de Braga no campeonato Nacional da I Divisão, desde 1941-42.

A entrada do Vitória no torneio da I Divisão tornou-se possível com o alargamento do número de concorrentes. Houve, porém, que se disputar um desafio de selecção, com o Lamas, campeão distrital de Aveiro. Este jogo teve lugar no Pórtu, no Campo da

Constituição. Foi um grande encontro de campeonato! O Vitória ganhou por 6-4, sob a arbitragem de Armando Costa, do Colégio dos Arbitros do Pórtu.

Nos últimos anos, tem o Vitória dedicado em especial a sua atenção ao futebol, sempre sob a direcção de Alberto Augusto, a quem o clube vimarense deve muito do progresso registado no popular desporto. Na época de 1943-44 teve o Vitória equipas de primeiras categorias e reserva.

O «onze» de honra tinha a seguinte constituição: António Machado; Lino Rocha e João Rodrigues; José Maria Machado, Zeferino Duarte e Amadeu Castelo; Francisco



Dr. Rocha Santos

presidente do Municipio de Guimarães

## A Direcção do Vitória e os seus projectos

Queremos mais sócios, um campo mais amplo  
e uma sede nova — afirma o sr. Faria Martins

O presidente da direcção do Vitória Sport Clube, sr. António Faria Martins, é das figuras de maior relevo em Guimarães, pelo seu espírito de iniciativa e pela dedicação que dispensa às colectividades a que pertence — e à sua cidade. A actividade do sr. Faria Martins não conhece limites — e desdobra-se por várias obras a que ligou o seu nome. Preside ao Vitória há anos, e não deixa de se interessar pela vida do clube vimarense quando se encontra afastado da respectiva direcção. É a alma do «Vitória». Vive para a família — e para o clube. Mas é também director da Filarmónica de Pevidém e vice-presidente da direcção dos Bombeiros Voluntários de Guimarães. A construção do novo quartel dos Bombeiros é em grande parte produto do seu esforço. O sr. Faria Martins não conhece desânimos — e não conhece dificuldades. Estabelecido um plano de acção, assente um projecto de realizações — luta por ele com o maior entusiasmo. Não hesita. Não se cansa. Não se aborrece. Tem de ser — e há-de ser!...

Não houve por isso dificuldade em ouvi-lo, nem houve reticências no que disse...

— «De momento — declarou-nos, relativamente ao Vitória — toda a actividade directiva anda à volta de dois problemas fundamentais para a existência e progresso do clube: aumentar o número de sócios e conseguir a ampliação das instalações para a prática dos desportos. Sob o ponto de vista financeiro, não podemos contar principalmente com a receita dos jogos. Na temporada finda, bastou a interdição de 30 dias para prejudicar tudo quanto se tinha pensado. Temos de pensar em sócios. Cada vez mais sócios! E preciso contar com receitas que não sejam contingentes. Para recrutar novos associados iremos a toda a parte — à indústria, ao comércio e ao turismo locais. Se o Vitória anima a cidade nos dias dos grandes desafios, é necessário que nos ajudem. Tem de ser assim. Mais sócios. Cada vez mais sócios. Nunca serão de mais...»

«A ampliação das nossas instalações do campo e sede é problema a resolver pela Câmara Municipal de Guimarães. Comprometará um novo parque de jogos — e um parque infantil. Mas permitirá também a construção de um edifício para sede do Vitória. A ampliação far-se-há nos terrenos do

Rodrigues (Laureta II), Miguel Janeiro, Alexandre Rodrigues, João Ferraz e José Brioso. Suplentes: Arlindo Fiães, Alcino Brioso, António Dias, Joaquim Martins da Silva e António da Silva Vitorino.

## PERSPECTIVAS E RESULTADOS

As perspectivas do Vitória para a última temporada de futebol, e para este ano de gerência, eram as melhores. Havia boa vontade em toda a gente que podia contribuir para o progresso do clube, para a sua expansão. Desde o principio, as duas maiores preocupações incidiam sobre a melhoria das equipas de futebol e organização financeira do clube.

Acérrca do que foi a época do popular desporto, falou já Zeferino António Duarte, capitão da primeira categoria. E o presidente da direcção, sr. António Faria Martins, falou, entre outras coisas, das finanças do clube e da campanha encetada para aumentar o número de sócios. O actual tesoureiro do Vitória não descarta este problema. E a

(Continua na página seguinte)

campo de Bemlhevaí. O projecto já foi aprovado pela Câmara e tudo se pode esperar do largo espirito de iniciativa do sr. dr. João Rocha dos Santos, a quem o clube deve uma protecção que é dever nosso não esquecer. O ilustre presidente do municipio vimarense tem sido, de facto, um dos melhores amigos do clube.

«A obra de boa representação da cidade, que o Vitória tem feito em todo o país, tem encontrado no dr. Rocha dos Santos o melhor estímulo. Contamos com a generosa cooperação de tão dedicado amigo para a ampliação do nosso campo de jogos.

E o sr. António Faria Martins finaliza deste modo as suas palavras de prólogo para esta reportagem: «Estou satisfeito pela forma como a direcção e os atletas do Vitória têm honrado a sua terra; estamos gratos a todo o país pelo modo afectuoso como recebeu sempre as nossas equipas; e estamos muito gratos ao presidente da Câmara Municipal de Guimarães, e a toda a edilidade, pelo carinho que tem dispensado ao clube que tornou mais conhecida a nossa terra nas pugnas de desporto. Para todos vão os agradecimentos da direcção do Vitória, na altura em que, fazendo um rápido balanço do que foi a época de futebol, nos dispomos a enfrentar o futuro com o entusiasmo de sempre — e com o mesmo propósito de servir dedicadamente a causa patriótica do desporto!»



António Faria Martins

Presidente do Vitória

# Uma época de bons auspícios estragada pela interdição do Campo

**Z**EFERINO António Duarte, o médio centro do Vitória, é capitão da equipa há oito épocas seguidas. É motorista e tem 30 anos. Não é pois muito novo. Começou a jogar futebol no «team» infantil do Futebol Clube do Porto, sob a direcção de Izidoro Santos, pai de António Santos, antigo jogador do mesmo clube. Subiu, depois, gradualmente, até à primeira categoria, quando Szabo era ainda treinador do Porto. Zeferino jogava habitualmente a médio direito. Foi do Porto para Guimarães, directamente. Não conheceu nenhum outro clube. Alinha pelo Vitória desde 1934/35.

O capitão do «onze» de honra do Vitória conhece bem as suas responsabilidades. Não

hesitou, por isso, na resposta a dar à nossa pergunta sobre as condições em que a equipa principiava a última temporada de futebol.

— No começo da época havia absoluta esperança nas possibilidades do grupo. A equipa era sensivelmente a mesma, mas havia mais experiência. Estávamos mais batidos, na luta pelo triunfo. Havia melhor conjunto. Estávamos satisfeitos, antes do campeonato regional, e quando veio o sorteio do campeonato nacional ganhámos ainda mais confiança. Aquêlê sorteio deu três jogos seguidos no nosso campo. Era esplêndido — como treino...



**Zeferino Duarte**

capitão do «onze»  
de honra

teio do campeonato nacional ganhámos ainda mais confiança. Aquêlê sorteio deu três jogos seguidos no nosso campo. Era esplêndido — como treino...

Zeferino Duarte detém-se, no entanto, a analisar o torneio distrital:

— O excesso de boa disposição deu-nos a derrota imposta pelo Famalicão. Devo prestar justiça ao grupo famalicense. Jogou de facto para ganhar, naquela tarde — e com grande entusiasmo. Essa derrota foi magnífica, para nós. Fez-nos pensar um pouco mais nos nossos adversários — e em nós mesmos. A lição daquela derrota bastou para não voltarmos a perder, no campeonato do distrito de Braga. Chegámos ao fim em primeiro lugar e com uma diferença de 5 pontos sobre o segundo classificado, que veio a ser o Famalicão.

«O campeonato da I Divisão apanhou o Vitória em boa altura e com excelente preparação. Não pensávamos vencer. Mas esperávamos melhorar de posição, relativamente à temporada anterior. Depois do bom resultado oferecido pelo sorteio, veio a pouca sorte. De entrada, tivemos o triunfo contra o Olanhense, por 2-1. Seguiu-se o Porto. Empatámos, por 2-2. O Barrigana, que se estrelou nos campeonatos portugueses, esteve formidável — de segurança e oportunidade. Não nos permitiu ir além do empate. Mas houve também infelicidade. A arbitragem,

## na opinião de Zeferino Duarte médio centro e capitão do Vitória

de Evaristo Meneses, prejudicou o nosso clube. Estreou-se neste jogo — e não foi feliz.

«Este encontro abriu a série de contrariedades com que o Vitória teve de lutar. Não houve nada de irregular ou incorrecto no campo. O público manifestou-se contra o juiz, mas depois do desafio, quando o árbitro ia para o combóio. Sobre o campo de Benlhevai caiu a interdição de 30 dias. Foi-se tudo por água a baixo... Durante um mês tivemos de jogar sempre fora de casa. Tivemos de fazer, seguidamente, 10 desafios fora de Guimarães. Apenas isto!...

«A série de deslocações prejudicou grandemente o clube e os jogadores — o clube, no que respeita a finanças; os jogadores, quanto a incómodos de viagens. Perdemos o excelente moral com que principiámos o

## O VICTORIA SPORT CLUBE A SUA OBRA NO PASSADO E NO FUTURO

(Continuação da página anterior)

verdade, lisonjeira para o Vitória, é que pôde chegar a ter cerca de 1.300 sócios. É um «record» para a cidade.

A situação financeira do clube ressentiu-se grandemente da interdição do campo por 30 dias. Fizeram-se 10 jogos fora de casa e, entre estes, dos transferidos por causa da interdição, alguns eram com adversários que desfrutavam de muita simpatia em Guimarães. Estes foram os mais penosos quanto a finanças. Obrigaram a deslocações dispendiosas, que não tiveram nenhuma contrapartida. O clube esteve quasi a beneficiar da interdição do campo de Setúbal. Nas vésperas do desafio, já com despesas feitas em Guimarães, veio, todavia, contra-ordem. E o Vitória Sport Clube teve de sofrer nova viagem — e que fazer novas despesas!

Foi, pois, um ano de pouca sorte, em matéria financeira. Sairam errados os cálculos... Não esperavam a interdição do campo e julgam, ainda, que não a mereciam. A elevação do número de sócios compensou um pouco a quebra das receitas dos jogos. Mas não bastou para restabelecer o equilíbrio.

### O PARQUE DE JOGOS E A SEDE

O Vitória tem um campo de futebol, em Benlhevai, mesmo dentro da cidade. Está bem localizado — e não está mal tratado. Tem balneários e bancadas. Mas é pequeno e o terreno, tal como se encontra, não permite outras instalações, para «basket», patinagem e «tennis», por exemplo. Há, por isso, um projecto de ampliação. Depende, porém, da Câmara Municipal, de que é presidente o dr. João Rocha dos Santos, pessoa a quem o Vitória deve serviços de grande relevo, como a de um subsídio mensal que tem sido utilíssimo para a obra realizada dentro e fora do concelho.

A Câmara Municipal, que é a proprietária do campo de Benlhevai, pretende cons-

campeonato. É muito levar cerca de três meses sem fazer um único jogo na nossa terra, entre gente amiga, com a massada de viagens repetidas. Mesmo assim, conseguimos ficar em 8.º lugar. Melhorámos ainda de posição, visto que no torneio anterior ficáramos em nono.

A análise de Zeferino Duarte incide, depois, sobre a «Taça de Portugal»:

«— Houve menos azar na disputa da «Taça». Eliminámos, sucessivamente, o Sport de Vila Real e o União de Coimbra. Chegámos, assim, às meias-finais. Contávamos bater o Estoril-Praia, posso afirmar sem jactância. Iamos bem lançados na prova. Mas o Estoril fez, aqui, em Guimarães, um jogo como nunca fizera até aí. O próprio treinador, Augusto Silva, nos confessou isto, após o jogo. O desafio no Estoril não podia oferecer-nos possibilidade de recuperação bastante. E tivemos de alinhar com três suplentes. Saímos, assim, da prova, um pouco contra o que se supunha.

«Em resumo — diz ainda Zeferino Duarte — sendo uma época em que sofremos a contrariedade da interdição do campo, e em que não pudemos, por isso, realizar todas as nossas aspirações de princípio, não foi, no entanto, má de todo — em comparação com o passado. Para o ano contamos, assim, fazer melhor. A equipa vai ser «refrescada» com alguns jogadores. E Alberto Augusto, que tem sido um mestre de valor e um amigo dedicado, continuará a interessar-se pelo progresso das equipas em condições de fazer honrar a representação do Vitória nos campos do futebol.

truir um grande parque de jogos, dando orientação diferente ao campo de futebol, de forma a poder fazer a construção de campos para outros desportos — e de uma piscina. E pensa também construir, no mesmo local, um parque infantil. Todo este projecto está em vias de realização.

Por parte da direcção do Vitória, pretende-se construir uma sede própria, junto do campo. A sede assim, dentro da cidade e ao lado do campo, constituiria uma solução esplêndida para o clube e para a cidade. A sede actual funciona na praça de D. Afonso Henriques e é apenas constituída por duas salas.

### UM PROGRAMA DE TRABALHO

Para a futura temporada oficial de futebol conta o Vitória dispor de boas equipas — em primeiras categorias, reservas e juniores.

A preparação para o jogo devia começar em Agosto, continuando a fazer-se sob a orientação de Alberto Augusto.

A direcção pensa, no entanto, fazer a instalação de um ginásio que possa ser utilizado por sócios e seus filhos, e conta começar a dedicar-se ao atletismo e ao ciclismo, não o tendo ainda feito por dificuldades de pistas. Está no propósito da direcção dedicar-se também à natação, quando puder dispor de instalações apropriadas a esse desporto.

Os problemas mais instantes são, conforme salientámos — aumentar o número de sócios, interessar no desenvolvimento do clube as entidades que beneficiam da sua expansão (comércio, indústria e turismo), melhorar a preparação dos grupos de futebol e tentar dar realização ao projecto camarário de novo parque de jogos. O propósito é, pois, de trabalhar — cada vez mais e melhor.

MÁRIO DE OLIVEIRA

# O "INTRUSO"

SOMOS dos seus tempos trabalhado por uma lei que defende e protege os campos de desporto e evita todos os casos que possam entrar a marcha progressiva dos clubes.

A época finda foi fértil em acontecimentos dessa natureza. Um deles — o caso do Leça — é dos que «brada aos céus», pela forma como se deu.

Assim, cremos que nos assiste o direito do, tal como pugnamos pela defesa dos interesses materiais dos clubes atingidos por decisões discutíveis, igualmente contestamos a maneira como se está abusando de terrenos onde só deve agitar-se e viver a massa desportiva — praticantes e simpatizantes.

Ultimamente, os campos de desporto desta cidade estão a ser transformados em verbenas, onde se canta o fado até horas impróprias, ao irio e às intemperies. O fado — esse «clarivo» a que os campos desportivos do Porto estão agora a dar guelra — assentou arrastado em pleno coração do burgo triplo, na centralíssima Avenida dos Aliados, em terreno adaptado a campo de jogos de um dos mais categorizados clubes de Portugal.

Notemos unicamente pela pureza conceptual do desporto, não curamos de atender se há razões de qualquer ordem a ponderar, que determinem a cedência desses terrenos para qualquer outro fim que não seja praticar o desporto.

Não se curvem ali os braços do inclemente saído de peito; entusiasmadamente com a vitória do seu grupo favorito. Não! Agora é a vez das guitarras semebundas, dos gargalos dos mais ou menos falsos, aumentados pelo microfone ligado a um amplificador de som que atormenta toda a vizinhança.

Não combatemos a tendência da nossa gente para o fado. Não pretendemos tal. Admitimos a existência dessa canção quando se trata de levantar o proclamar as virtudes da raça e evocar feitos ou gestos de portugueses que ennobreceram a nossa história.

Com o que não concordamos é com a transformação dos campos de desporto em terrenos destinados à «cultura» da canção dita nacional.

Cada coisa no seu lugar. O desporto nos seus campos próprios — e o fado nos salões, nos palcos ou nas esplanadas. Tudo quanto seja fora disso — merce o nosso repúdio. Não cremos existir os apelarmos, em nome do bom senso e da pureza dos nossos terrenos de desporto — tarefa a que se está dando ombros a sério, para o sr. Director Geral dos Desportos, no sentido de que não se permita que os campos desportivos sejam afastados do seu fim sem autorização da mesma Direcção Geral — que, certamente, não a dará para o «intruso».

Isso, é a simulação, em festas de homenagem a campeões desportivos — que devem ser retinatamente desportivas — de partes de programa que não são nada afins com o desporto, são casos a tomar em linha de conta e a exigir providências imediatas.

O nosso protesto fica exarado.

## DE SEMANA A SEMANA

### Homenageando campeões

A equipa do «handball», do F. C. Porto, que triunfou brilhantemente no 6.º ano da disputa do título nacional da modalidade, foi homenageada pelo sr. Sebastião Ferreira Mendes, presidente honorário do clube «azul-branco», com um almoço servido na sua agradável Quinta da Viúva. Ao repasto assistiram, além dos jogadores homenageados, o proprietário da quinta, o sr. Beuto José Correia, amigo dedicatíssimo do F. C. do Porto, o nosso camarada José Magalhães, repórter fotográfico da «Stadium», e os conhecidos desportistas Artur de Sousa e Acácio Mesquita.

Foi uma verdadeira «festa em família», que decorreu com a maior animação.

Fora dos eixos...

### Um torneio de atletismo em Espinho

Para propaganda da modalidade, a Associação Portuguesa de Atletismo, depois de uma reunião com os delegados dos clubes filiados, para troca de impressões, assentou, em princípio, na realização de um torneio a efectuar em Espinho, no dia 3 de Setembro, com a colaboração do Sporting da localidade, a cargo de quem fica a organização.

## Daniel Teixeira

Oficina de calçado desportivo do Beato  
Especializada em todos os artigos para  
desportistas — Calçado e botins tipo  
alentejano e «Nocidade Portuguesa»

Telefone 3 8298

CALÇADA DUQUE DE LAFÕES, 5  
L I S B O A

# Stadium

na Capital do Norte

## ATLETISMO

### SAMPAIO PEIXOTO e EDGAR TAMEGÃO

**dois dos mais extraordinários praticantes que o atletismo portuense tem possuído — proporcionaram à equipa do Académico um retumbante triunfo no Campeonato Regional de Seniores**

Comentários por EDUARDO SOARES

Depois de três jornadas emotivas, que serviram bem a propaganda da modalidade e decorreram de maneira agradável em todos os seus pormenores, terminou o Campeonato Regional de Seniores, cuja classificação final oferece os seguintes resultados: 1.º, Académico, com 70 pontos; 2.º, F. C. de Porto, com 51 pontos; 3.º, S. C. Salgueiros, com 27 pontos; 4.º, Vigorosa, com 3 pontos. Estes números, porém, nada dizem, em boa verdade, do valor em conjunto de cada equipa — e podem levar o leitor desprevenido a idéias e a conclusões de certo modo erradas. E para isso vejamos que apesar do F. C. do Porto se encontrar distanciado do Académico pela diferença larga de 39 pontos, bastava que ao segundo faltasse o concurso de dois únicos atletas — Sampaio Peixoto e Edgar Tamegão — para que os «azuis-brancos» fossem não só recuperar esse grande atraso, como também ganhar ainda, com a vantagem de 4 pontos (49-45). Quere isto dizer que, só por si, os dois extraordinários atletas deram à sua equipa — com os que ganharam e com os que fizeram perder... — uma vantagem de 42 pontos, ou seja mais de metade daqueles com os quais o Académico tão retumbantemente venceu.

Frize-se, porém, que este «jogo de números» — aliás insofismável — não tem qualquer propósito mal intencionado, mas sim o de nos servir para orientar a opinião pública acerca do «real» valor das equipas, que são essencialmente formadas por conjuntos e não por valores, embora extraordinários, individuais e isolados, e ainda para provar uma vez mais aos orientadores do Académico que só devem ver nos nossos comentários o propósito de os bem guiar e de bem servir a modalidade. Há necessidade absoluta de preparar gente nova, pois uma equipa com as suas responsabilidades e as suas tradições não pode estar sujeita à contingências e aos imponderáveis de dois únicos atletas. Sabemos, por outro lado, que a preocupação dominante dos dirigentes do Académico não é a de ganhar campeonatos — só revelam com isso elevada cultura desportiva! — mas por certo também não pretendem limitar-se a apresentar um escasso número de praticantes devidamente preparados, sobrecarregá-los com tarefa exaustiva e confiá-los a reputação de uma equipa inteira, onde, à parte Cadete e Herculano, todo o resto revela pouco trabalho, que a pontuação final sofisma...

Sendo assim — como de facto foi perante a realidade dos números — torna-se evidente a necessidade de preparar gente nova em grande quantidade e movimentá-la, a exemplo do que se fez no F. C. do Porto, onde só faltaram dois «consagrados» seniores para que a sua aparentemente expressiva derrota se transformasse, também, numa retumbante vitória...

Por outro lado, a pontuação (3, 2, 1) que se tem seguido, no nosso meio, para apurar o valor e a posição das equipas num campeonato, não é a mais aconselhável, na nossa maneira de ver, nem proporciona aos clubes os meios capazes de mostrar o seu trabalho em conjunto e o seu «real» valor. Leva ainda a comentários e a juízos errados, sobretudo quando uma equipa está em pleno período de formação — como no caso do F. C. do Porto — e está assim longe (porque os campeões não se fazem em dois dias...) de possuir «figuras» de primeiro plano. Por tudo isto, pois, preferimos a pontuação 5, 4, 3, 2, 1, que vai até ao 5.º classificado de cada prova. E se nos dermos ao trabalho de a estabelecer, chegaremos a interessantes conclusões, entre as quais a de que a luta para o 2.º lugar não passou de uma doce ilusão — infelizmente para o atletismo — e que o F. C. do Porto dominou em absoluto o seu mais próximo competidor: o Salgueiros. Veremos, ainda, que só a equipa do F. C. do Porto conseguiu classificar atletas entre os 5 primeiros de todas as provas disputadas, pois o Académico o mesmo não conseguiu em 1.500, 4 x 1.500 e vara; e o Salgueiros em 100, 200, 400, 110 barreiras, 4 x 100, altura, vara, péso, disco, dardo e martelo. Onde está, portanto, o equilíbrio entre as equipas do F. C. do Porto e do Salgueiros? Onde está, portanto, a equipa mais completa — embora mais jovem e menos experiente?

Concluindo: enquanto que na equipa do Académico as maiores honras vão para dois únicos atletas — os que na realidade deram à equipa uma margem de 42 pontos! — na do F. C. do Porto as glórias têm de ser equitativamente distribuídas, o que garante melhor conjunto e melhor futuro, pois não a deixa à corrente dos imponderáveis.

Colectivamente, parece-nos ser esta a melhor maneira de apreciar, com verdade, o «real» valor das equipas — tanto mais que os números não mentem, nem se deixam influenciar pelas cores clubísticas...

Continuaremos a analisar estes campeonatos regionais de «seniores», ricos em pormenores que merecem estudo e comentário — trabalho a que nos lançamos com todo o entusiasmo, no propósito de continuar a servir, desinteressadamente, o atletismo nortenho.

O torneio é mixto — isto é, para seniores e júniores — disputado-se três tapas. O momento é bem escolhido, dada a época que atravessamos.

### Futebol à vista

Todos os clubes da 1.ª divisão estão intensificando os treinos dos seus jogadores, com vista ao próximo campeonato regional. Parece haver profundas alterações nos quadros do F. C. Porto, Leixões, Moavista, Salgueiros e Académico. O clube «azul-branco» dispensou os serviços do seu jogador Faria, julgando-se que há mais dispensas em vista, por determinações a que não é estranho o treinador...

### O Vianense vai para Braga

Resolvidas todas as dificuldades, o Vianense ingressou na Associação de F. de Braga.

O campeonato regional do organismo central do Minho é dividido em duas séries de quatro clubes cada, subido à 1.ª divisão, para complemento de número, o F. C. de Fafe.

### O remo em descanso

Depois das regatas ultimamente realizadas no nosso Douro, parece que se esgotou o espírito de organização dos nossos clubes de remo. Assim, muito cedo, tudo voltará ao descanso.

Bom será que a lição tenha servido.

### As provas de mar do Galitos da Foz

O mau tempo tem prejudicado bastante as organizações deste ano do simpático clube Galitos da Foz, o único clube portuense que tem dado movimento à nossa natação. Depois de ter sido forçado a adiar a Meia Milha, foi obrigado a alterar o seu calendário, passando a prova da «Milha do Mar» a ser disputada no próximo dia 3 de Setembro. Consequentemente, a prova «Leixões-Douro», marcada para essa data, também teve de ser adiada.

Igualmente concorreu para a alteração do dia da «Milha do Mar» o facto de o clube da Murtoza ter, para o domingo passado, uma prova inter-clubes; consultado o Galitos, este, não querendo dispensar o concurso valioso dos nadadores murtozenses, concordou no adiamento.

### Gestos que nobilitam

O Sangalhos e o G. D. da «Iluminante», que tinham enviado ao Porto os seus representantes, a fim-de tomarem parte numa prova de ciclismo em pista, organizada em benefício da Assistência aos Pobres do distrito, e que foi adiado em virtude do mau tempo, recusaram-se a receber a importância que lhes era devida pela deslocação, prontificando-se a tomar parte no mesmo festival, na nova data.

Este gesto foi muitíssimo apreciado.



A equipa do Sporting vencedora dos 4x100 metros

que a realidade excedeu largamente a mais optimista perspectiva e o espectáculo das duas jornadas na pista do Lima — também consoladoramente ressurgida do seu aflitivo abandono — se revestiu de rara beleza desportiva e fez vibrar a assistência numerosa e interessada, merecendo sobretudo da dominadora afirmação de valor de alguns dos representantes portuenses.

De todos os motivos de satisfação que nos possam ter proporcionado os Nacionais de 1944, nenhum de facto se reveste de maior importância, pela sua repercussão no futuro da modalidade, do que esta jubilosa afirmação das felizes consequências do trabalho organizador e estimulante dos actuais dirigentes da Associação Portuense, aos quais a campanha insistente de Imprensa, na qual o nosso camarada Eduardo Soares deve ser apon-

tado em merecido realce, preparou o ambiente e assegurou confiança para o desempenho da sua difícil tarefa.

Não hesitamos em afirmar que o mais animador triunfo, durante as duas jornadas nacionais, se pode atribuir sem favor aos dirigentes e atletas nortenhos, pelo brilhantismo da sua representação. Houve, como Sampaio Peixoto, que se guindaram de um só golpe ao plano de vanguarda dos campeões absolutos do atletismo português.

Não queremos assim dizer que sejamos adeptos do critério que considera a unidade pelo todo; não é um atleta que forma equipa, mas para o caso especial do atletismo português — a reagir contra longo período de marasmo — o aparecimento de um Campeão (com C maiúsculo) pode representar factor de estímulo e elemento de propaganda decisivos.



Passo final dos 150 metros femininos



A chegada da prova de 400 metros na qual S. Peixoto venceu M. Fernandes

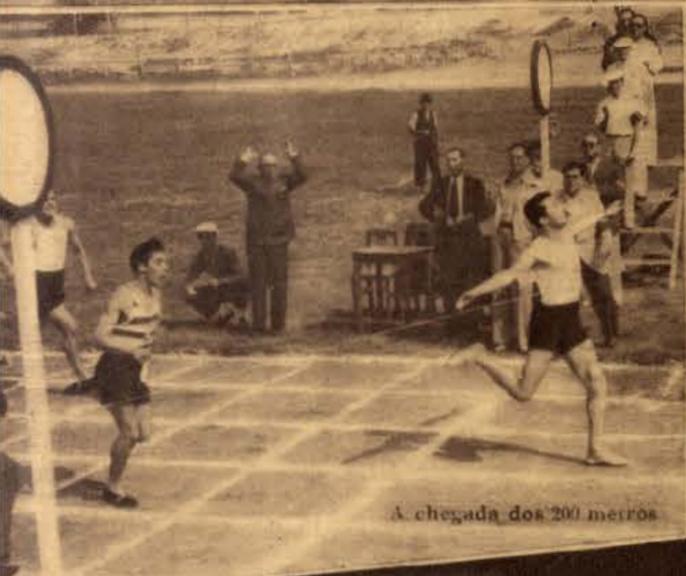


Eleutério, do Benfica, ganha os 100 metros



Uma passagem da prova de 200 metros

Francelina Moita, vencedora do dardo



A chegada dos 200 metros

## Atletismo Disputaram-se no Porto os Campeonatos Nacionais

### Como nos melhores tempos

Os campeonatos nacionais tiveram excelente resultado e valorizaram-se pela sã luta entre ilibertos e portuenses

Impressões técnicas pelo dr. SALAZAR CARREIRA

ESPERAVAMOS dos campeonatos nacionais deste ano a agradável confirmação dos progressos de forma dos nossos atletas de primeiro plano, luta emocionante e marcas satisfatórias, que compensassem os esforços daqueles que empenhavam, na orientação e no ensino do atletismo, vontade persistente e entusiasmo fervoroso.

Somos, porém, forçados a confessar



Horculano Mendes, do Académico, campeão do martelo



Uma passagem de Matos Fernandes nos 400 metros barreiras



Se considerarmos agora o torneio no seu conceito global, avultam outros motivos de contentamento e também alguns reparos, que mais propriamente se referem ao sistema orgânico geral da modalidade.

A organização teve ordem e seqüência, mantendo sempre preso o interesse do público; os clubes tiveram critério na selecção das inscrições, resumindo-as ao que o bom senso recomendava e evitando assim inúteis complicações. Autoridade nos dirigentes e brio nos atletas, foram as características louváveis do campeonato.

Confirmando anteriores e mais nitidas observações, colheu-se a impressão genérica de certa tendência para abusar da actividade dos concorrentes de maiores merecimentos ecléticos; a culpa pertence ao condenável costume da classificação colectiva por pontos, que nada justifica sob o aspecto técnico num torneio formado por competições individuais, e deve ser abolida — se tanto fôr preciso por determinação superior.

Patrocínamos perfeitamente a ideia do campeonato colectivo, mas em organi-

(Continua na pág. seguinte)

### CHAVES de todos os modelos

Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — mande fazer outras na

CASA DAS CHAVES

Amadeu Gomes da Fonseca

RUA DA MOURARIA, 3

(Frente ao Cinema) — Telex 280



# Campeonatos Nacionais de Atletismo

(Continuação das páginas centrais)

zação independente, embora com programa idêntico a dos campeonatos oficiais: equipas em igualdade de representação numérica e restrição no número de provas em que cada atleta pode participar. Há, neste sentido, um exemplo feliz na iniciativa da Associação de Lisboa em 1942.

Para concluir estas apreciações gerais, feitas na precipitação da viagem de regresso, demos o balanço ao activo do torneio e a lista dos campeões classificados por ordem de equivalência na pontuação finlandesa.

«Recordes» nacionais batidos: 400 metros barreiras, saltos em comprimento, estafeta 4x100 metros—3. «Recordes» regionais batidos: 400 metros planos e com barreiras, salto à vara (do Norte); salto em comprimento (feminino do Sul)—4.

Campeonatos: Lisboa: 14; Porto: 5; Benfica: 9; Sporting: 4; Académico: 3; Estrêla e Vigorosa: 1; Belenenses: 1. Campeões: 100 metros, E. Eleutério, 872 p.; 4x100 metros, Sporting, média de 857 p.; Matos Fernandes, 400 metros barreiras, 842 p.; F. Ferreira, 110 metros barreiras, 804 p.; Sampaio Peixoto, 400 metros, 801 p.; João Silva, 5000 metros, 799 p.; S. Peixoto, 200 metros, 792 p.; Alvaro Dias, comprimento, 791 p.; Herculano, martelo, 759 p.; Luis Alcide, triplo, 758 p.; S. Peixoto, 800 metros, 748 p.; Matos Fernandes, altura, 727 p.; Pires de Almeida, 1.500 metros, 710 p.; João Silva, 10.000 metros, e Benfica, média dos 4x400 metros, 694 p.; Montalvão, vara, 692 p.; Ruivo, peso, 689 p.; M. da Silva, disco, 668 p.; A. Rodrigues, dardo, 513 p.

## A primeira jornada

Os campeonatos abriram com chave de ouro: Matos Fernandes melhorou para 56,4 s. o seu «record» nacional dos 400 metros barreiras, seguido por Martins Vieira, em 59 segundos («record» de Martins Vieira em consoladora afirmação de que se pode ser melhor atleta aos trinta anos do que aos vinte) e por José Couto, em 59,2 segundos, («record» do Norte); a jornada, para encerramento, serviu-se da mesma chave: o Sporting melhora de um décimo de segundo o «record» nacional da estafeta 4x100 metros, após duelo empolgante com a equipa benfiquista, que veio a igualar a marca que pertencia ao seu clube.

No intermédio do programa os motivos de aplauso abundaram: foi a proeza de Alvaro Dias, superando por duas vezes o máximo nacional do salto em comprimento; a velocidade e o poder de Sampaio Peixoto, vencedor dos 200 e 800 metros e cujos tempos entram respectivamente para o 3.º e 4.º lugar na tabela dos melhores resultados portugueses; a progressiva facilidade de João Silva, que tem ao seu alcance o «record» nacional da légua no dia em que lhe estabelecerem um plano apropriado de marcha; a rivalidade entre os dois discóbolos sportingistas e a competição Montalvão — Vieira no salto à vara. A destoa do conjunto, apenas, a pobreza aflitiva dos atiradores do dardo.

Não seríamos, porém, justos se nos limitássemos a citar os vencedores; faltava-nos espaço para dar a esta crónica a largueza desejável mas, embora sinteticamente — ficarão para mais tarde as apreciações individuais de pormenor — passaremos em revista o filmes da jornada.

A vitória de Matos Fernandes na corrida de barreiras foi de molde a deixar-nos supor que não atingiu ainda o máximo das suas possibilidades actuais; ao espectador desprevenido, o anúncio do resultado surpreende, porque é tão gran-

de a facilidade do atleta que não fica a noção visual de esforço correspondente ao tempo realizado. A luta entre Vieira e Couto — com excelentes resultados práticos — decidiu-se apenas no traço final, graças à arrancada vigorosa do benfiquista para conseguir ultrapassar o adversário entre o oitavo e o nono obstáculos; o académico terminaria mais próximo se não tivesse tropeçado na última barreira.

A vantagem de Peixoto nos 200 metros acentuou-se nos sessenta metros finais, que percorreu em crescendo de poder, ao passo que Nuncio e Eleutério, mais frágeis, tiveram dificuldade em manter-se, apesar da necessidade de se empregarem a fundo para dividirem entre si o segundo lugar. O vencedor tem largas possibilidades de deveria, a nosso ver, consagrar-se em especial às distâncias de 200 e 400 metros; quem tudo quer abraçar acaba por não ter braços que cheguem.

O facto de haver ganho os 800 metros em tempo prometedor não justifica, em rigor, a sua presença nas provas, que o obrigou a segundo esforço violento no curto prazo de uma hora, pouco aconselhável em atleta da sua idade e com escassa preparação, como disseram os seus dirigentes.

João Jacinto defendeu-se com galhardia mas nada pôde contra a autoridade final do campeão; consideramo-lo já fadigado pela época e em descida ocasional de recursos.

O estreante José Vicente conquistou o terceiro lugar, muito bem; fixem o nome, que há-de ainda ser falado.

A vitória de João Silva não surpreendeu ninguém e sobre a sua classe já líssemos o suficiente; Nogueira, mais prudente, conduziu a sua prova de maneira a garantir o segundo lugar, assegurando o afastamento de Gonçalves, cuja crise é evidente. Este rapaz devia ser proibido de correr mais na época, porque está sendo vítima do exagêro de quilómetros a que foi obrigado desde o começo do inverno.

Alvaro Dias alcançou o justo prémio do seu valor e pode, em qualquer ocasião propícia, ultrapassar os sete metros; possui espantosa elasticidade e, por ser um descontraído no género de Matos Fernandes, o seu esforço atlético engana visualmente: parece que corre devagar e vai correndo depressa, parece que se não empenha e afinal os resultados são conclusivos.

Os resultados da prova de saltos em comprimento foram, em conjunto, dos melhores: Tamegão, saltador em força que também pode ir longe, atingiu 6,88; António Marques, saltador do mesmo tipo, mas pior especializado, 6,76, e o ágil Luis Alcide, 6,58. Esta especialidade é uma daquelas cuja média mais subiu em Portugal.

Montalvão venceu bem a prova da vara e 3,50 — a sua marca — é o terceiro resultado português; no salto decisivo a

## «Corrija o seu estilo»

Por absoluta falta de espaço somos obrigados a retirar para o próximo número a habitual página técnica «Corrija o seu estilo», o útil e valioso trabalho de que é autor o nosso estimado companheiro dr. Salazar Carneira.

Também pelo mesmo motivo não podemos efectuar a publicação de outros originais já compostos, entre os quais uma carta recebida do sr. Carlos Lopes, discutido árbitro de pugilismo, na qual responde a comentários técnicos publicados nas nossas colunas.

Destas contrariedades nos desculpamos os estimados leitores e colaboradores.

vara flexível de que se serviu deu-lhe precioso auxílio. Martins Vieira acusou o reflexo do seu esforço na corrida de barreiras, mas defendeu-se com a habitual energia repetindo a marca dos regionais.

A notar os progressos de Alvaro Dias, que se afirma atleta completo, de merecimento.

Os lançamentos não equivaleram ao restante programa. Silva e Ruivo (este com o seu melhor resultado) ainda asseguraram à prova de disco certo equilíbrio, mas todos os restantes ficaram abaixo do mínimo exigível, incluindo os homens do dardo.

## A segunda jornada

O conjunto da jornada não foi tão brilhante como o da precedente, o que não significa contudo que haja defraudado a expectativa; a sessão teve, mesmo, a celebriz-la o acontecimento dominante dos campeonatos, que foi o formidável duelo dos 400 metros e a convincente vitória da nova estrêla portuense.

Sampaio Peixoto foi, sem dúvida, a maior figura dos campeonatos, apesar de não lhe pertencerem os melhores resultados; mas a sua mocidade satisfável, a prometedora classe e entusiástico espírito de competição, impuzeram-no à admiração do público, que não regateou aplausos às suas notáveis vitórias; os 51,3 s. nos 400 m., colocando-o a um décimo do «record» são uma porta largamente aberta a todas as esperanças.

Matos Fernandes, o favorito batido, correu inferiorizado por uma calcanhada de que foi vítima no salto em altura, mas em verdade o prejudicava mais para saltar do que para correr. Em prova se verificou já não se queixar no final do seu percurso da estafeta.

Creio, todavia, que em condições normais cobrava desforra do rival.

A outra prova que mais prometia, resultou falseada por lapso de visão do juiz de partida, que decididamente não tem sorte com as finais de 100 metros. Desta vez, o homem que lhe fugiu foi Eleutério e ninguém mais o agarrou, tanto mais que nos pareceu em melhor condição física do que nos regionais.

O facto não tem remédio e para a história fica apenas que os dois campeões da época foram feitos pelo juiz de partidas. O público não achou graça nenhuma ao incidente e não se lhe pode negar razão.

Tamegão, surpreendido pela segunda voz, foi o mais prejudicado; também é pouco vulgar o caso de Nuncio, que prova duas vezes ser o homem mais rápido da pista e não conquistou nenhum título merecido de circunstâncias irregulares a que era estranho.

Outro caso de pouco favor da sorte é o de Fernando Ferreira, que pela quarta vez fica a um décimo do tempo «record» das barreiras. Desta vez, teve em António Pereira um adversário difícil e que o acompanharia até à meta se não houvesse tropeçado no último obstáculo.

As corridas de 1500 e 1000 metros, ambas bem ganhas por Pires de Almeida e João Silva, sem dúvida os melhores, foram assinaladas pelo brioso comportamento do veterano Nogueira, das duas vezes segundo. Orientando melhor o seu esforço, o valoroso e simpático atleta conseguiu três honrosas classificações nas duas jornadas, dando aos novos um belo exemplo de desportivismo e dedicação clubista.

A estafeta de 4x400 metros foi ganha pelo Benfica, e em especial por Eleutério, cujo percurso foi admirável de energia; Jacinto lutou com alma, recuperou cerca de oito metros, mas não conseguiu na recta final ultrapassar Matos Fernandes, que se poupou.

Os resultados dos concursos foram os melhores da temporada. No martelo, Herculano e Manuel da Silva ficaram muito próximos um do outro e as marcas são das melhores portuguesas; Luis Alcide fez a sua maior distância no triplo e Emi-

# PAÇO DE ARCOS E LISGÁS

## São campeões de Lisboa nas categorias principais

QUATRO dos cinco campeões que fornecem os torneios lisboenses das duas Divisões estão já apurados. São eles: Paço de Arcos Hockey Clube (1.<sup>o</sup>), na I Divisão; Clube Desportivo Lisgás (1.<sup>o</sup>) e Sporting Clube de Oeiras (2.<sup>o</sup>), na II Divisão. Falta conhecer ainda o vencedor da prova de 2.<sup>a</sup> categoria da I Divisão, a decidir num desempate Futebol Benfica-Paço de Arcos (campeão de 1963). Sabe-se também qual é o segundo representante, por Lisboa, no campeonato de Portugal: é o Hockey Clube de Sintra, colectividade modesta e moderna, mas que tem marcado, ultimamente, caminho ascensional na modalidade.

Quere dizer: os campeonatos de Lisboa estão virtualmente concluídos; resta esperar, simplesmente, pelo conhecimento de mais um titular... Quem será? Difícil de prognosticar o resultado do desempate, porque na prova preliminar cada clube marcou seu triunfo: 7-3 do Futebol Benfica, na primeira volta, em Paço de Arcos; 3-2 do Paço de Arcos, na segunda, em Benfica. Para este desempate — aguardado com grande ansiedade — os «teams» vão com a igualdade seguinte:

	J.	V.	E.	D.	GOALS	P.
Futebol Benfica	14	10	1	3	89	35
Paço de Arcos	14	10	1	3	77	35

Merece assinalar-se o comportamento dos campeões — que o foram igualmente em 1963 — e também a acção dos sintenses, com uma segunda volta brilhantíssima. Envolvendo-os no mesmo paraben, presta-se-lhes a justiça devida. Como igualmente são dignos de elogio os triunfos conquistados pelo Ateneu, Lisgás e Sporting de Oeiras.

### Domingos Moreira

No momento em que fechamos a paginação da «Stadium» chega-nos a dolorosa notícia do falecimento do sr. Domingos Moreira, nosso antigo e culto colaborador e pai de Domingos Lança Moreira, nosso estimado companheiro de trabalho. Acompanhamos Lança Moreira no seu profundo desgosto, com um apertado abraço de sentidas condolências.

dio Ruivo aproximou-se dos fatídicos 13 metros. No salto em altura, Matos Fernandes e Durães transpuzeram 1<sup>m</sup>,75, o melhor resultado da época, e o primeiro ganhou após longo desempate, nitidamente prejudicado pela lesão do calcanhar.

### Os campeonatos femininos

Os campeonatos femininos foram um prêmio simpático, que a Federação e os dirigentes dos clubes praticantes ofereceram ao punhado de raparigas que animam com a sua graça e a sua alegria as pobres competições da categoria, que parecem condenadas a breve desaparecimento.

As provas nacionais foram a repetição do torneio regional, pondo em foco uma corredora em boa forma, Olga Ribeiro, quatro vezes campeã, e a lançadora de dardo Francellina Moita, que tem aptidões e estilo cuidado. As restantes concorrentes — note-se que as atletas eram oito e disputaram, cada uma, quasi todas as provas do programa — mostraram muito boa vontade — e mais não se pode exigir.

Uma referência para Maria Ester Moura Cabral, já desinteressada do atletismo, que compareceu para dar pela última vez a ajuda do seu esforço valoroso à equipa verde-branca.

Além dos nomes citados, ganharam campeonatos: no péso, a almadense Almerinda Correia, que tem força mas não tem estilo; e a belenense Georgette Duarte venceu casualmente o lançamento do disco e o target azul conseguiu, enfim, alcançá-los dois primeiros percursos da estafeta, avanço suficiente para inutilizar a recuperação de Olga, que ficou a um peito.

Ao campeonato de Lisboa segue-se o de Portugal, para que estão apetrechados quatro dos seis clubes mencionados: Paço de Arcos e Hockey de Sintra, em representação do Sul. Académico, Estrêla e Vigorosa, Infante de Sagres (ou Carvalhos?), pela parte norteña. É de crer que a prova, conforme as anteriores e em especial à última, tenha o interesse que é hábito verificar nas competições do género, arregimentando adeptos e criando novos motivos de curiosidade para a prática e propaganda da modalidade.

Este campeonato, animadíssimo, foi interessante até o último dia, pelo simples facto de haver algo de equilíbrio, traduzido numa ponta final entre quatro clubes com probabilidades idênticas ou quasi semelhantes para conquista do tão cobiçado segundo lugar. Afinal, veio a ganhar o H. C. Sintra; mas no último dia — arredados, duas jornadas antes, o Futebol Benfica e a Académica da Amadora, ambos derrotados, na carreira para a classificação — coube aos «encarnados» tarefa bastante difícil, tanto assim que foram perder a Paço de Arcos somente por 6-8, enquanto que os sintenses venceram por 4-1 em Campo de Ourique. Conclusão: o Hockey ficou desde logo apurado para o campeonato nacional.

As classificações finais da competição principal ficaram estabelecidas do modo que segue:

	J.	V.	E.	D.	GOALS	P.
Paço de Arcos	14	13	1	—	99	27
H. C. Sintra	14	9	2	3	101	36
Benfica	14	8	2	4	83	33
Académica	14	7	1	6	46	28
Futebol Benfica	14	6	2	6	57	28
Ateneu	14	5	1	8	48	28
Campo Ourique	14	3	1	10	22	20
Tabacos	14	—	14	9	127	10

Académica e Campo de Ourique têm, cada qual, uma falta de comparência; e o Tabacos conta seis.

## Acontecimentos da semana

**ATLETISMO** — No Colégio Militar disputou-se um torneio, entre alunos, no qual se verificaram os vencedores seguintes: Ramires, 60 metros em 7s. 2/10; Olímpio, 80 metros em 9s. 9/10; Vitória, 150 metros em 18s. 2/10; Rodrigues, 300 metros em 41s.; Araújo, 1 000 metros em 3m. 2s.; Vieira, vara com 3. 30/30; Fonseca, altura com 1. 06; Dóres, comprimento com 6. 25; e 53<sup>a</sup> barreira em 12s. 2/10; Lobão, disco com 35. 85; Sabbo, péso com 12. 65; Calça e Pina, dardo com 41. 35.

**GIMNÁSTICA** — Em homenagem à sua classe de ginástica, o G. D. da Fábrika Portuguesa promoveu um saraú artístico, em que colaboraram o orfeão, a classe de ginástica e o grupo de batidos e de folclore da Fábrika Simões, de Benfica, exibindo-se também os ginastas homenageados.

**HOCKEY EM PATINS** — Para celebrar o seu aniversário, o Sporting de Oeiras promoveu um interessante festival, no qual englobou dois desenhos da modalidade, entre os seus «teams» e os da Académica da Amadora; os visitantes ganharam os dois jogos, em 1.<sup>o</sup> por 5-2 e em 2.<sup>o</sup> por 5-1.

Em Paços de Arcos efectuou-se a homenagem do clube aos campeões de Lisboa, com uma festa interessantíssima e em que colaboraram alguns artistas do teatro português.

**NATAÇÃO** — Em continuação das comemorações das suas «Bodas de Prata», o Sportivo de Pedrouços promoveu a disputa, reservada apenas a sócios, da travessia do Tejo. Nos três primeiros, classificaram-se: Vitor Franco, 1 h.; António Ramirez, 1 h. 5 m.; e João Celestino da Conceição.

— No festival para comemorar as «Bodas de Prata» do Nacional, registaram-se, nas diferentes corridas de 35 metros, os vencedores seguintes: Fernando Sousa, 45 s. 8/10; Armando Marques, 1 m. 5 s.; e 41<sup>o</sup>: Silva Cunha, 1 m. 6 s.; Alfredo Fernandes, 40 s.; e 54<sup>o</sup>: Borges, 55 s.

**TIRO AO ALVO** — Com três provas (de «Ensaio», «Principiantes» e «Taça de Honra») disputou-se em Setúbal um importante torneio, aos prazos, que tinha ainda como competição principal o «Grande Prémio de Setúbal».

— Num torneio aos prazos, disputado em Figueira de Castelo Rodrigo, José Augusto Cacote, de Alameda, ganhou a taça «Câmara Municipal».

Em segundas: F. Benfica e P. Arcos, 35 pontos, 89-34 e 77-34; Académica, 34 pontos e 86-48; Benfica, 31 pontos e 61-40; Hockey de Sintra, 29 pontos e 55-55; Ateneu, 28 pontos e 63-61; C. Ourique, 18 pontos e 24-96; Tabacos (quatro faltas), 10 pontos e 10-99.

Em terças: Ateneu, 17 pontos e 27-8; Benfica, 13 pontos e 27-12; F. Benfica, 10 pontos e 13-19; Académica, 8 pontos e 11-39.

No torneio da II divisão (cada três concorrentes somente) o Lisgás foi vencedor absoluto. Veja-se a tabela dos resultados:

	J.	V.	E.	D.	GOALS	P.
Lisgás	4	3	1	—	11	2
Sp. Oeiras	4	2	1	1	8	9
Cascais	4	—	4	—	2	12

(\*) — «Goals» consentidos aos sportinguistas, em Oeiras, na primeira volta.

Em segundas: Sporting de Oeiras, 10 pontos e 15-7; Lisgás, 8 pontos e 8-6; Cascais, 6 pontos e 6-16.

# CICLISMO

### Campeonato de Regularidade

A Associação de Ciclismo do Sul promoveu no domingo a primeira prova do campeonato de regularidade, ao qual há ainda quem, telmosamente, chame campeonato de ciclo-turismo... Concorreu elevado número de ciclistas — mais de meia centena — em representação do Benfica, Arrols, Lusitano e Futebol Benfica.

Percurso utilizado: avenida da Índia — Boca do Inferno — Lagoa Azul — Venda Seca. Provas bem disputadas, com meticoloso cuidado por parte de alguns concorrentes.

Até à hora a que fechamos a paginação da nossa revista não conhecemos ainda os resultados oficiais.

### Aristides Paulo venceu na Venda do Pinheiro

O Lisgás promoveu no domingo a sua prova anual de ciclismo, no circuito Venda — Povoá — Milharada — Venda, com o total de 84 quilómetros. A equipa do clube organizador, depois de se evidenciar no comando da corrida, veio a triunfar com merecimento. Aristides Paulo, Tavares da Silva e Pinto Ribeiro conquistaram os primeiros lugares, por esta ordem.

### Na «volta à Catalunha»

Disputaram-se no domingo as duas primeiras etapas da «Volta à Catalunha», à qual concorrem, como referimos noutro lugar, quatro ciclistas do Sporting: Lourenço, Inácio, Aristides e Mourão.

Na primeira tirada, corrida no circuito de Montjuich, Lourenço passou à frente na volta do início, classificando-se no final em terceiro, seguido de Mourão. Ganhou galego Délio.

Na etapa da tarde, ganha por Orbalceta os portugueses não apareceram nos primeiros lugares.

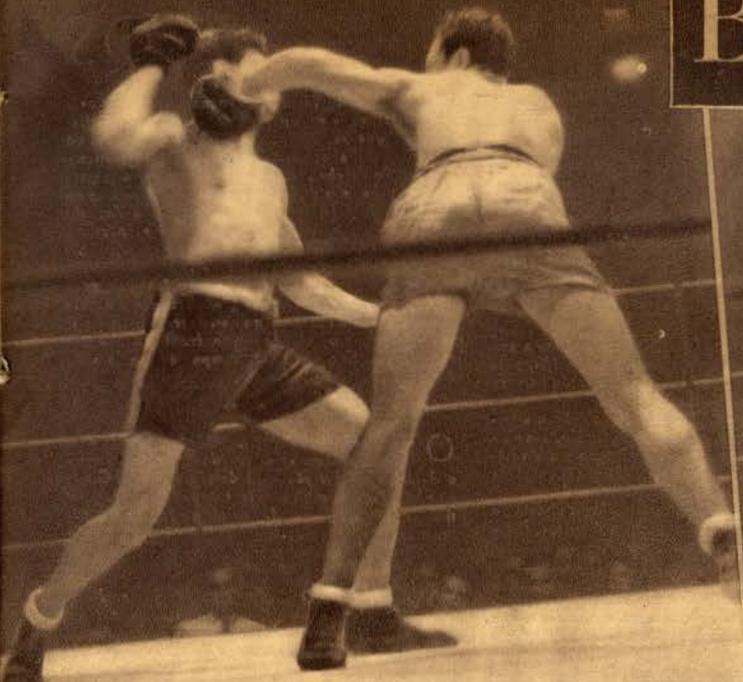
Orbalceta partiu para a terceira caminhada com a ambinconada camisola amarela.

## A ASSEMBLEIA DO SACAVENENSE

Está convocada para hoje, às 20-30, a assembleia geral ordinária do Sport Grupo Sacavense, figurando na ordem dos trabalhos a votação do relatório e contas do exercício de 1963-1964 e a eleição dos novos corpos gerentes, para 1964-1965.



# BOXING NO CAMPO PEQUENO



Um bom golpe esquerdo de Miguel França



Bautista defende um ataque de França

## Fracos combates e piores arbitragens... Corajosa actuação de Miguel França

Crónica de Rafael Barradas

A nota mais saliente da sessão nocturna efectuada no Campo Pequeno e aquela que maior impressão deixou no nosso espírito — foi as decisões dos combates.

Analisados em bloco, decorreram por forma pouco atractiva pois, nalguns, havia marcada diferença de classe e de técnica entre adversários. Quanto aos resultados, constituiram flagrante aspecto da frequência de ânimo dos árbitros ou da sua insuficiente discriminação, ambos os casos inadmissíveis em pessoas cujo officio é apurar, com toda a segurança, vencedores e vencidos.

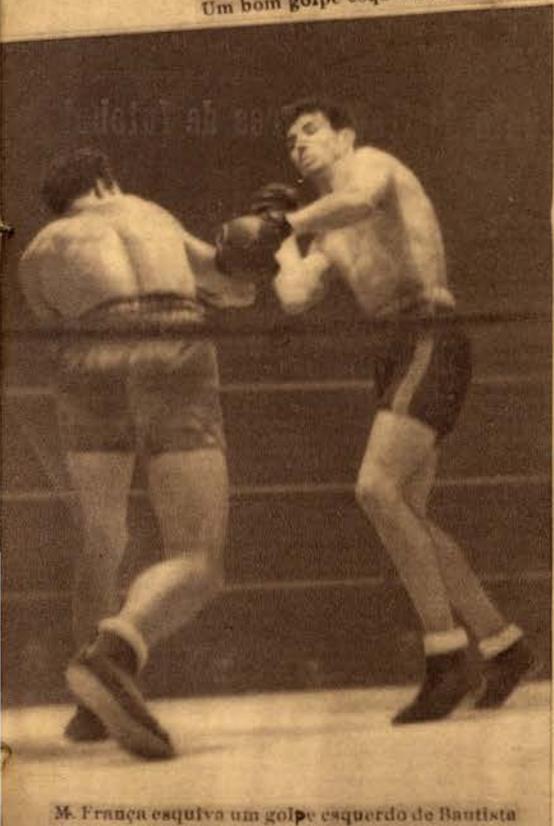
— Quer a vitória de Matos sobre Acosta, quer o empate de França com Bautista, podem figurar como exemplos de despropósito «patriotismo» na longa série das arbitragens nacionais.

No primeiro caso, o desafio nulo era um resultado admissível pois, segundo a pontuação que tivemos o cuidado de anotar pessoalmente, Acosta totalizou 140 pontos contra 136 do moçambicano. No segundo caso, Bautista obteve o máximo absoluto da contagem (200 pontos) e Miguel França atingiu 158. O reconhecimento da vitória do pugilista espanhol era mais do que um acto de mera justiça — era um dever!

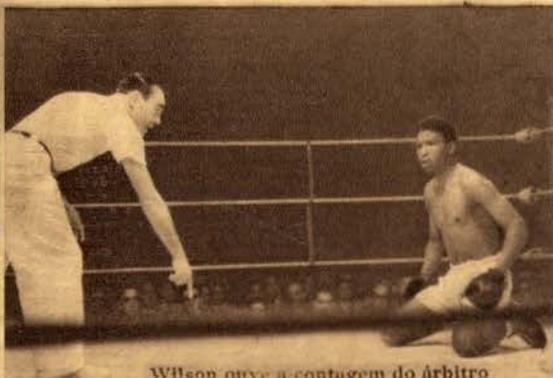
O próprio resultado do combate de José Luis com Manuel Braga, não sendo merecedor de referência especial, também não foi rigoroso.

Com faltas de critério como estas, quando muito atribuíveis a uma quebra de serenidade bastante grande, incapaz de enfrentar os sentimentos apaixonados do público, rebatza-se o pugilismo a um grau incompatível com o seu prestígio desportivo.

(Continua na pag. 45)



M. França esquiva um golpe esquerdo de Bautista



Wilson teve a contagem do árbitro



Uma fase do combate Matos-Acosta

### AS NOSSAS REPORTAGENS E TRICROMIAS

Como anunciámos, publicamos hoje a reportagem referente ao

VITÓRIA SPORT CLUBE (Guimarães), bem como a tricromia da respectiva equipa de honra

No próximo número:

GRUPO DESPORTIVO ESTORIL-PRAIA

À esquerda: o habitual cupão, que os leitores devem recortar e coleccionar, pois dá-lhes direito à cople que oferecemos para encadernar todas as separatas destas reportagens

### AOS NOSSOS LEITORES

#### NÚMEROS ESCOTADOS

Temos feito repetidas vezes a prevenção, aos nossos agentes e aos leitores que nos enviam importâncias para a compra de exemplares estranhos, que só podemos efectuar as respectivas remessas depois de procedermos à reimpressão das tricromias, visto haver-se esgotado completamente a grande maioria dos números da «Stadium» em que foram intercaladas.

Pedimos particularmente aos leitores que se nos dirigem impacientemente pelas remessas solicitadas que tenham em atenção aquela circunstância, tomando nota que só depois da reimpressão das tricromias referentes aos números esgotados podermos, como é óbvio, e como temos dito sempre, atender e expedir os pedidos em nosso poder.



# Acaba um campeonato, outro começa

JÁ tivemos ocasião de escrever todo o bem que pensávamos do jogo de «volley-ball» como exercício gímnástico para os seus praticantes: exercício completo, correctivo, fazendo trabalhar todos os músculos do corpo e muitas das faculdades psíquicas que concorrem em toda a acção de finalidades educativas.

Este jogo, que há meia dúzia de anos era praticamente desconhecido, possui hoje no país três associações devidamente organizadas e fazendo disputar, com abundante concorrência, as suas provas de campeonato. Fomos informados há pouco tempo de que está sendo preparada a federação nacional, para centralização de todas as actividades regionais e possibilidade de organização, na época próxima, do campeonato de Portugal.

Acompanhamos desde longa data a evolução do movimento desportivo no nosso meio e não nos recorda caso de tão rápido e fulgurante crescimento, como este do «volley-ball». Verifica-se, assim, em desmesurada proporção, que a evolução prática dos factos correspondem às deduções teóricas dos doutrinários.

Lisboa está sendo, sem dúvida, o centro de maior expansão e mais entusiástica actividade. Basta confrontar os quadros dos torneios associativos em 1943 e 1944: há um ano, os clubes eram dez, reunidos numa única divisão; esta temporada foram 24, repartidos por três divisões, e mais uma prova para júniores, agrupando o total de 61 categorias e com certeza mais de 400 jogadores.

Manda a justiça dizer que o «volley-ball» lisboeta, em reforço das suas próprias virtudes, tem contado com relevantes serviços de um núcleo de dirigentes dedicadíssimos, os quais não têm economizado esforços para desenvolver e disciplinar a prática da modalidade. Os resultados respondem pela sua acção.

Depois dos campeonatos da Divisão de Honra — cujos finais constituíram acontecimento de vulto, em mérito absoluto e relativo — e da 1.ª Divisão (os quais haviam sido precedidos pelo Campeonato Universitário, organizado pelo Centro respectivo da «M. P.», com extraordinário êxito), acabamos de acompanhar o campeonato de júniores, que em interesse nada desmereceu dos precedentes.

Não fica, porém, ainda por aqui a iniciativa da A. V. L., que, promove, a partir de meados de Setembro próximo, o Campeonato Popular, destinado de início aos clubes não filiados, mas posteriormente alargado — com fundamentada razão — a aqueles clubes que nunca tomaram parte nos torneios das Divisões, mas se filiaram para concorrer ao Campeonato de júniores. Esta nova prova reunirá mais oito concorrentes, que serão: Operário, Boa Hora, G. D. Ferreira Pinto, Académica da Amadora, S. C. Oeiras, Algés e Dafundo, Maria Pia e Casa Pia A. C.

Em complemento do seu trabalho de divulgação da modalidade, a Associação de Lisboa porá por estes dias à disposição dos interessados uma nova e corrigida edição das leis de jogo, num fascículo facilmente manejável e no qual foram incluídos os «Conselhos aos jogadores», que o nosso prezado camarada e amigo de infância, dr. Salazar Carreira,

publicou há meses numa série de artigos no jornal «Os Sports».

Parece-nos ser esta uma agradável novidade para os adeptos do «volley», que terão assim ao seu alcance um precioso elemento de consulta e elucidação.

O campeonato de júniores liquidou a sua actividade depois da nossa última crónica e com os resultados verificados estabeleceu-se classificação definitiva.

O vencedor foi o Sporting, que acabara a sua prova na semana anterior: triunfo merecido, pois a equipa se apresentou trabalhada e lutou sempre com vontade a entusiasmo.

O imediato foi o S. C. Oeiras, que deixou a impressão de um maquinismo muito afinado, mas ao qual faltava precisamente o entusiasmo e a vivacidade que resolvem as situações difíceis. Equipa de jogo seguro, mas mecanizado e frio.

Coube ao Belenenses o terceiro lugar; havia no grupo dos «azuis», jogadores muito díspares, francamente bons e incontestavelmente fracos. O lugar que ocupa corresponde à realidade do seu valor.

Segue-se na classificação, com o mesmo número de pontos, o pelotão dos três restantes competidores: Monte Pedral, Promotora e Amadora, que em nosso juízo se escalonam em valor pela ordem indicada.

O Monte Pedral deve a sua situação ao facto de não haver comparecido ao jogo contra a Amadora a quem logicamente teria derrotado.

O sétimo e corrente era o Internacional e das suas capacidades teóricas e infeliz destino prático dissemos o suficiente.

José de Eça

TEMOS pôsto já em relevo uma coisa curiosa: a Espanha vai aproveitando algumas das disposições que se têm posto de parte entre nós, na que respecta à organização dos grandes torneios oficiais do futebol. Este ano, mantendo a mesma toada, aproveitou duas dessas disposições — a «preparação» da primeira eliminatória para a Taça do «Generalísimo», e a realização das respectivas meias-finais em domingos marcados alternadamente com os do Campeonato Nacional.

O facto vem provar que se levou longe de mais a crítica de alguns jornais à estrutura das nossas provas. O cuidado com que se fizeram os primeiros regulamentos resiste ao confronto com o que se fez em Espanha! O tempo é um grande mestre...

O futebol já está em actividade, no país visinho. Sucedem-se os desfechos particulares — e o Atlético de Aviã está de viagem pelas Canárias. A ida dos clubes orientais às ilhas é sempre útil — para conhecer de perto os jogadores que mais se distinguem...

REFERIMOS-NOS, no último número, ao Festival Militar de Educação Física, no Estádio Nacional. Houve um lapso que nos apressamos a apontar — a indicação do nome do sr. capitão Hercúlo da Cunha, como professor da classe de gímnastica que trabalhou com traves. Que o distinto professor desculpe a omissão involuntariamente cometida.

Vem também a propósito anotar que a organização do festival foi esplêndida. Tudo esteve a tempo — e no lugar próprio. Magnífica, pois.

## Curso de aperfeiçoamento de treinadores de futebol

(Continuação da pág. 5)

nosso melhores mestres. Assim o demonstrou nas lições dadas, que tiveram lugar no campo do Sport Lisboa e Benfica, onde, a por de boa vontade digna de registo, mostrou o possível profunda cultura sobre o assunto. Pode dizer-se que foi a parte mais trabalhosa e violenta do curso, pois tivemos de realizar: corridas, saltos em altura, saltos de barreiras, partidas, etc. O engenheiro Pires Ventura soube, porém, dosar o trabalho...

Coube a Ricardo Ornelas, experimentado jornalista desportivo, a parte referente à teoria e tática do jogo, marcações, desmarcações, e comilhões aos treinadores. As lições realizaram-se na sede da Federação e durante elas Ricardo Ornelas demonstrou, por a-b, quantos são as dificuldades encontradas pelos treinadores portugueses na sua bem difícil e árdua tarefa. O conceituado técnico provou ainda, por forma bastante positiva, que ser treinador em Portugal, onde a cultura não se encontra ao nível de bastar às necessidades da modalidade de Educação Física, é ter de realizar trabalho de duplo esforço!

Na sua última lição, e como complemento da matéria que tão brilhantemente ministrou, Ricardo Ornelas fez projectar no «écran» algumas figuras do futebol internacional, principalmente de jogadores profissionais ingleses, permitindo-nos, assim, o estudo pormenorizado das mais variadas posições ativas.

Podemos dizer, com segurança, que as suas lições foram, para os treinadores, de excepcional importância.

A parte prática do curso, no que se refere a treino individual de conjunto e sua técnica, marcações e desmarcações, elementos básicos a ministrarem aos jogadores e ainda a interpretação prática das leis de jogo, esta demonstrada em tabuleiro, esteve a cargo do capitão Ribeiro dos Reis, antigo e competente técnico de modalidade e jornalista desportivo de valor, que a causa das arbitragens tem dado o melhor do seu esforço e saber. Como não podia deixar de ser, foram estas lições as que melhor agradaram aos frequentadores do curso, isto em virtude de haver bola... no campo... o velho elemento dos homens que durante 16 dias se dedicaram a assuntos técnicos do futebol.

Não posso deixar de envidiar a todos os professores o nosso melhor agradecimento. A nossa gratidão não tem limites — todos os agradecimentos que podemos endereçar são poucos, mas cheios de sinceridade e enviados de profundo reconhecimento.

Qual o objectivo dos professores ao ensinarem aos alunos do 1.º curso a matéria «verdadeira»? Os seus objectivos fundamentam-se nas razões invocadas pela F. P. E. Isto é, formar nos treinadores os homens capazes de dar aos grupos de futebol de Portugal o verdadeiro espírito técnico e desportivo que deve ser a sua base fundamental.

Cada aluno ouvíu sempre com atenção as palavras dos professores. Cada lição, nos seus mais diversos aspectos, contou ensinamentos de reconhecido valor e a matéria verdadeira constituiu excelente base para a boa formação dos treinadores.

### A MISSÃO DO TREINADOR

Cabe aqui dizer algumas palavras sobre o que deve ser a missão do treinador. Estas considerações só podiam ser feitas depois de concluído o 1.º curso de aperfeiçoamento,

Está reconhecido que por todo o país se encontram grupos que têm falta de assistência técnica. No entanto, quantos valores se encontram, muitas vezes, nessas equipas...

Os treinadores desses pequenos grupos nem sempre possuem conhecimentos técnicos para o bom treinamento dos jogadores. Se possuíam prática falta-lhes as teorias que constituem, por assim dizer, a base para o cumprimento da sua missão — bastante ingêsta e como tal exigindo sérios conhecimentos teóricos sobre a obra que vão realizar. É preciso não esquecer que o treinador é o formador dos jogadores jovens, o orientador das equipas, o homem que, com a sua prática, experiência desportiva e valor técnico, lhes ministra os ensinamentos indispensáveis, de forma a permitir a formação das equipas.

Os recursos dos pequenos grupos regionais não permitem contratar de treinadores. Por consequência, o curso de aperfeiçoamento tem um valor muito alto: permitir a formação de treinadores com a capacidade técnica necessária para instrução nos centros regionais.

### CONSIDERAÇÕES GERAIS

As lições do curso que se refere ao futebol e atletismo foram feitas no campo do Sport Lisboa e Benfica e no Estádio Nacional, o que permitiu aos alunos o conhecimento de dois campos bastante diferentes, com plena distinção.

Ainda, como complemento, foi dado aos frequentadores do 1.º curso assistir a uma sessão de gímnastica na sede do G. D. Estoril-Prato, aos seus jogadores, e nas piscinas do Estoril e do Sport Algés e Dafundo, e algumas demonstrações de estilos de natação. Este curso de aperfeiçoamento tem um valor muito alto: permitir a formação de treinadores com a capacidade técnica necessária para instrução nos centros regionais.

Num dos últimos dias do curso ditou-se a Federação obsequiar os professores e alunos com um banquete, presidido pelo sr. capitão António Cardoso, chefe de Representação da Direcção Geral dos Desportos, em representação do respectivo Director.

Os frequentadores do 1.º curso de treinadores tiveram então ensejo para oferecer aos seus professores placas comemorativas da realização do curso.

Já acima dissemos o valor demonstrativo deste curso, que em tão feliz momento foi organizado pela F. P. E. Não posso deixar de envidiar a todos os que se dedicaram ao treino de jogadores e melhor ainda todos aqueles que vão iniciar-se nesse árduo trabalho. Não posso deixar de endereçar à Federação o meu reconhecimento, aproveitando a oportunidade para lhe fazer um pedido de reconhecimento oficial de um grupo de homens que vão tentar, pelo país fora, formar grupos regionais, verdadeiros e praticantes escolas de futebol. Não, pois, merecedores da concentração associativa num organismo onde largamente possam desenvolver-se os conhecimentos técnicos de que tanto necessitam, sob o alto patrocínio da Direcção Geral dos Desportos e da Federação Portuguesa de Futebol.

MANUEL ALEXANDRE

### O «TORNEIO DE INICIAÇÃO» da Associação de Pugilismo

Está marcado para o próximo dia 5 de Setembro o «Torneio de Iniciação da Associação de Pugilismo de Lisboa», efectuando-se a primeira sessão às 21-30 horas, nas salas do Ateneu Commercial. A inscrição encerra-se no dia 1.º de Setembro nos clubes fazer constar os seus representantes ao Centro de Medicina Desportiva. A pesagem e sorteio realizam-se no dia 4, na sede da A. P. L., provisoriamente instalada no ginásio Clube Português.

ESPU «ANTES NATURAIS

VINHOS COMUNS E AGUARDENTES

LICORES SUPERFINOS

XAROPES E APERITIVOS

CAVES IMPÉRIO

Propriedade da IMPERIAL VENICOLA L.ª

Produtores e Exploradores SANGALHOS - (Portugal)

Tel. 1 fones 22 1 fones «IMPERIAL»

# CINCO DIAS DE PROVAS

entre velejadores portugueses e espanhóis

**ATLETISMO** — O famoso corredor sueco Gunder Hård não para na sua tarefa de bater recordos ou estabelecer novos máximos. A sua última proeza foi fazer em 3 m. 42 s. e 3/10 o melhor tempo das «duas milhas».

— O já popular atleta sevillano Durmán foi feliz na sua tentativa de pedestrianismo entre Sevilha e Los Palacios-Sevilha, cobrindo os 51 quilómetros em 3 h. e 45 m.

**BILHAR** — Despertou justificado interesse na vizinha Espanha, a competição Bofill-Cabeza, disputada em 10.000 carambolas, em várias sessões. Bofill atinou a sua marca, enquanto o adversário ficou nas 8.792. O vencedor fez 136 tacadas e a sua maior série foi de 1,283; o vencido fez, de uma só vez, 1.735.

**CICLISMO** — Na recente disputa do campeonato inglês (estrada), verificou-se a segunda vitória do ciclista A. C. Sardin, do Clube Ciclista de Milrose, que cobriu a distância de 100 milhas em 4 horas, 23 minutos e 12 segundos. Overton classificou-se a seguir, com uma diferença de 55 segundos.

— Não foi coroada de êxito uma tentativa do consagrado Walter Lehmann, feita em Dortmund, para bater o recordo mundial da hora em bicicletas. Chegou a passar-se que a marca do italiano Coppi seria ultrapassada, pois a meia-hora Lehmann cobriu mais de 23 quilómetros. Mas ao cabo de 60 minutos a distância percorrida era de 45.102 metros.

**FUTEBOL** — Em Espanha, a próxima temporada promete decorrer com invulgar interesse e animação. O número de encontros deve andar à roda de 1.400, quando certo que, na época transaccão, elle se fixou em 1.271. O alargamento da III Divisão justifica o aumento, pois ao neste agrupamento está prevista a eleição de 819 encontros.

— As transferências mais ou menos sensacionais de jogadores e treinadores e a dificuldade de fazer acordos, revela também o interesse pela ercolina época do futebol espanhol. Assim, temos a José Duq e a seu novo empregado centro do Espanhol, por ter deixado o Atlético de Bilbao; o extremo-direito do Juvenil, de Trubia, passará a representar o Oviedo; Ruano transita do Castellón para a «Balomística Linense»; Trujillo transferiu-se do Ferroviário para o Celso, de Vigo.

**NATAÇÃO** — Os campeonatos castelhanos decorreram com muito interesse e proporcionaram, na sua primeira jornada, a queda de dois recordos de Espanha, visto que Mando Martínez fez os 1.000 metros livres em 14 m. 7 s. e 4/10, passando nos 500 metros com 11 m. 16 s. e 4/10.

Isidoro Martínez Ferri baixou o seu melhor tempo dos 100 metros livres para 1 m. 3 s. Carlos Piernavia correu os 100 metros costas em 1 m. 15 s. e 3/10, mas não teve adversários que o inquietassem; Chayo González foi o primeiro nos 400 metros livres, em 6 m. e 36 s.

A III Semana de Vela constituiu um ciclo brilhante de propaganda para a vela. Organizaram-na três das melhores agremiações náuticas do sul do país — Associação Naval de Lisboa, Associação Desportiva da Brigada Naval e Club Naval de Cascais, com a colaboração da Mocidade Portuguesa e da Frota Stars de Lisboa. Reuniram-se, pois, colectividades que têm andado empenhadas na expansão do gosto pelos desportos do mar.

Fugiu-se ao rio, desta vez. Deixou-se o Tejo, os circuitos apertados entre as duas margens. Foram para o mar. Levaram às corridas para uma hafa esplêndida, ampla, de bela perspectiva — entre a zona turística do Estoril e a Guia, para lá de Cascais, em pleno oceano, aberto em frente até perder-se de vista, na linha do horizonte — ganhou-se em amplitude — e em panorama.

Este período laborioso de provas seguidas teve colaboração de valor — a representação de Vigo e Corunha, núcleos espanhóis em que os desportos náuticos, de vela e remo, contam muitos clubes e despertam pouco entusiasmo. Os desportistas do país vizinho trouxeram às provas da Costa do Sol a sua vivacidade particular. Lutaram sempre com ânimo forte — com elevado espírito desportivo. Não formaram nenhuma selecção. Mas não hesitaram em correr por equipas, no sábado.

A bandeira espanhola esteve bastante na sede do Clube Naval de Cascais. Serviu para lembrar sempre uma colaboração afectuosa, embora nunca subsidesse no mastro de honra dos triunfadores. Os velejadores vieram para fazer desporto — e para manter e ampliar o intercâmbio começado no ano findo, em terras da Galiza, por uma equipa valorosa da Associação Naval de Lisboa. Foram excelentes camaradas: no mar, em luta, e em terra, no passeio a esse paraíso que é a Arrábida, também banhada pelo Atlântico.

Disputou-se, nos primeiros dias, uma série de três corridas entre embarcações de certo modo pequenas — entre barcos de regata, com classificação final por adição de pontos. Houve, depois, no sábado, uma corrida de equipas — em «Stars», de linhas elegantes, e «Andorinhas», mais casco e menos velame. E este período de provas fechou, no domingo, com um festival que foi como que o balanço geral de organização — em provas e consagração oficial da iniciativa. — Correu-se, ainda, na baía ampla de Cascais, entre as escarpas de S. Domingos de Rana e a ponta alentejo da Guia, na direcção do Cabo Raso — e compareceu o elemento oficial de maior representação do país.

A bordo do «Gonçalo Velho», assistiram às regatas o sr. General Oscar Carmo, illustre chefe do Estado, sr. dr. Oliveira Salazar, presidente do Ministério, os ministros das Finanças e Interior e Obras Públicas, da Marinha e da Educação Nacional, embaixador espanhol em Lisboa, D. Nicolau Franco, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa e o embaixador português em Madrid, dr. Teotónio Pereira, elemento de grande relevo nos desportos náuticos, antigo director da Naval. As regatas foram seguidas, com interesse, de bordo do lindo barco de guerra. O sr. dr. Oliveira Salazar teve, por certo, ocasião de verificar pessoalmente como a mocidade lusitana se vai afeiçoando às lides no mar: tostando o corpo ao sol, enchendo os pulmões de iodo.

Quasi todas as manhãs de provas despertavam em beleza, a prometer dias deslumbrados, a encher de luz o mar e a costa. No domingo houve, porém, um leve veu de neblina, sobre as águas tranqüilas do Tejo e da baía de Cascais. O dia nasceu, pois, sem a claridade fascicante das manhãs de verão. E parecia que devia haver calma. As perspectivas não eram das melhores. Mas o sol tornou-se rutilo, em Cascais. A hafa estava coalhada de barcos — de recreio e pesca. Numas embarcações, lutava-se pela vida. Nas outras, preparava-se a luta — pelo desporto.

Há provas desportivas que valem pela batalha travada nobremente entre os atletas e pelo ambiente em que elles se encontram na defesa de um ideal — ou de um clube. As regatas de vela têm um sabor especial — é preciso acompanhá-las de perto, para as poder apreciar. Não há a luta empolgante do palmo, ombro a ombro, mas a luta serena à distância, à procura do melhor rumo, de um bordo feliz, de um fio de água que corra mais, ou de uma refrega de vento a soprar de feição. As provas de velas têm de ser feitas no mar, ao sol, com o céu azul, com vento a levantar cachão e a deixar uma esteira de espuma no rastro de cada barco.

No domingo havia vento ao largo e soprava do sudeste, rondando para oeste, com o cair da tarde. O «Sirius», da Brigada Naval, de linhas hieráticas, todo pintado de branco, estava abriçado, para os trabalhos do júri. Mas havia vento ao largo. Não era muito. Não havia balanço sensível, nas embarcações. Bastou, no entanto, para animar as provas. Longe da terra, no mar alto, em pleno oceano, quando o sol descobriu por completo e deu luminosidade à tarde magnífica de domingo, foi possível admirar, na quietude do gasolina do júri, os barcos a rondar a balisa para sul — e admirar ao mesmo tempo o cenário de Cascais, a silhueta da esplanada e da cidade, as barracas brancas da praia, a mancha verde do pinhal da casa Palmeira e, por fim, espumada, a Serra de St. Catarina, recortando-se sobre o fundo branco de algumas névens baixas. E' nestes bordos, a rondar as balizas, que as regatas de velas oferecem espectáculo mais surpreendente, e que se afirmam melhor os contornos de cada tripulação.

O programa findou com uma corrida de gasolinhas. Saíram três num rompante de velocidade sobre as águas verdes da praia, fustigando-se. Como lâminas brilhantes ao sol. Não havia velas brancas escuradas pela brisa da tarde... Mas foi mais forte a renovação da luta — entre adversários usados, numa galopada de destreza. O festival fechou assim bem. A luta agradável todavia ao público em retirada — para a praia ou para Lisboa, depois de um dia em contacto com o mar.

# BOXING NO CAMPO PEQUENO

(Continuação da pag. 13)

tivo. A permitir-se a proliferação de maus resultados por carência de firmeza, o público das primeiras lides, em geral presunçoso e indiferente para com a classe defendida dos árbitros, passaria a impôr com antecedência e resultado dos combates, conforme as suas inclinações. Sela como fôr devemos pôr cõbro a um estado de coisas alarmante e que se tem agravado ultimamente, adoptando medidas preventivas e punitivas exemplares, por muito que o amor próprio dos interessados sofra e se debata.

Quanto aos combates, não há muito que dizer. Frouxos e sem os momentos impressionistas, que tanto ajudam a distinguir o pugilismo vigoroso e atraente do fôgo hesitante e monótono, foram bastante banais. José Luis (74,5 kg.) combateu sensivelmente melhor que noutras ocasiões. Rompendo a acção e pedalando para trás sem descanço, anulou muitos ataques poderosos de Manuel Braga (68 kg.) graças ao emprego do golpe fundamental do pugilismo: o directo da esquerda.

Do 5.º ao último assalto applicou mais socos, enquanto que Braga se preocupou com a obtenção do golpe definitivo. Apesar de ter tido, por vezes, o adversário cambaleante, não conseguiu o knock-out mas uma vantagem pontual digna de registo, atendendo à diferença de peso de ambos.

O espanhol Santiago (60,5 kg.) venceu Carlos Wilson (62,5 kg.) por suspensão do combate ao 8.º assalto. O vencedor, ainda há pouco saído das lides do amadorismo, ganhou todos os assaltos e no 2.º atirou o moçambicano ao solo, sem contagem, repetindo a proeza no 3.º, por oito segundos. Wilson collocou dois golpes bons no 4.º «round», o seu melhor, mas no 6.º andou muito desamparado pelo «ring» fora.

No último assalto, Santiago, notando o flagrante cansaço do negro, forçou o andamento e atirou-o de novo ao chão, por 2 segundos, e perseguiu-o ao longo das cordas. Como não esboçasse defesa, o árbitro parou o encontro muito oportunamente.

O combate de Acosta (83 kg.) com Matos (78 kg.) foi a luta entre um homem experiente e um igno-

rante vigoroso. É certo que Matos lutou melhor do que na última ocasião em que o vimos, mas só a hipótese de um golpe forte e bem applicado constituiu verdadeira arma ao seu dispor.

Acosta dominou nos dois primeiros assaltos e igualou a pontuação no 3.º, perdendo os dois últimos por bastante margem. A maneira incorrecta de Matos combater, abusando dos golpes à nuca, já aqui verberada, exige dos árbitros particular atenção — e Xavier de Araújo só tarde viu os cotovelos e os «bit-punch».

A vitória de Matos coloca mal o juiz, pois não tem a menor justificação.

Em combate de fundo, vimos o campeão nacional Miguel França (61,750 kg.) reaparecer e empatar com Bautista (61,750). O titular, esteve ausente muito tempo das lides e ressentiu-se. Fez, no entanto, uma luta cheia de coragem e mostrou a sua combatividade até ao fim.

Bautista dominou amplamente, graças ao braço esquerdo, muito certo e potente. Exceptuando o 7.º e o 10.º assaltos, em que a pontuação foi igualada, Miguel França agüentou duro castigo sem réplica apreciável.

Os primeiros golpes robustos do campeão nacional acertaram no 7.º assalto: uma série em «um-dois», à cara. França pecou por jogar de longe, pois se a diferença de envergaduras fôr notável, o combate de perto prejudica o pugilista de membros mais extensos.

É justo salientar que Bautista bate forte e rápido e que o combate foi de grande lealdade e clareza, havendo o primeiro corpo-a-corpo ao 7.º assalto, atestando a preocupação dos jogadores em não «embrulharem» o fôgo.

No 8.º e 9.º «round» o domínio do espanhol foi mais reduzido que nos primeiros seis, mas a sua vitória não podia oferecer a menor dúvida a qualquer pessoa medianamente entendida.

A decisão, conforme já dissemos, foi inexplicável e Miguel França saíra do quadrângulo mais nobilitado com a derrota do que em igualdade com o adversário.

MÁRIO DE OLIVEIRA

Aspectos  
Gráficos  
da  
III Sessão de VELA



1—O sr. dr. Oliveira Salazar conversa animadamente, a bordo do «Gonçalo Velho», com o sr. coronel Peral, ajudante do Generalíssimo Franco; 2—Alexandre Black, no «The Whim»; 3—A luta entre os «Andorinhas»; 4—O sr. General Carmona e o sr. embaixador de Espanha num dos intervalos das regatas; 5—Impressionante viragem do «star» de João Capucho

(fotos Nunes de Almeida)